LIBRARY OF PRINCETON
JUN 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian9495inst

# Revista GREGORIANA

ANO IX
Janeiro - Abril
1962

LIII

49-50

[No 48 [illegible]]

*1962* ..... 2

**D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O. S. B.**

*O Salmo 50 "Miserere mei Deus"* .... 8

**D. CIRILO FOLCH GOMES O. S. B.**

*Dois Sermões de S. Leão sôbre a Quaresma* ..... 21
*Sermão LX (texto)* ..... 24
*Sermão XLI (texto)* ..... 28

**D. JEAN CLAIRE**

*As novas Peças de Canto da Semana Santa* ..... 31

*
* *

*Projeto de Regulamentação dos cursos de Canto Gregoriano no Instituto Pio X* ..... 45
*Vida do Instituto Pio X* ..... 53
*Dom Basílio Penido O.S.B.* ..... 55
*Crônicas Radiofônicas (D.J.E.E.) Ano Nôvo. Epifania. Ano Litúrgico. O Ano Litúrgico e os Santos. Santa Escolástica. Sexagéssima.* ..... 58

*
* *

PASTORAL EM REVISTA

**H. CH. CHERY O.P.**

*A Arte de se Confessar — (trad. D. Marcos Barbosa O.S.B.)* ..... 73

# REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)
(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes)
Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade.
Método Ward.

## ÓRGÃO DO INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B.
Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL. 26-1822

— Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc...) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO: Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, Rio de Joneiro.

* — ASSINATURA ANUAL, (Janeiro a Janeiro) — Tiragem bimestral — Para o Brasil: CrS 200,00 — Para o Estrangeiro CrS 300,00 — Número avulso: CrS 30,00 — Via aérea CrS 380,00 para o Brasil — Mudança de endereço — CrS 10,00.

* — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

— Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (E grande favor endereçar para a AGENCIA do CORREIO de BOTAFOGO). O cheque bancário pagável no Rio.

— Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxilio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular — CrS 400,00 por ano;
Sócio Protetor — CrS 500,00 por ano;
Sócio Fundador — CrS 1.000,00 por ano;
Sócio Benfeitor — CrS 2.000,00 por ano... ou mais

* — Assim também a Revista "PERGUNTE E RESPONDEREMOS". Assinatura: CrS 300,00. Via aérea CrS 500,00 — Para o Estrangeiro: CrS 400,00 — Número avulso: CrS 30,00 (atrazado: CrS 35,00) — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

"O FILHO DO HOMEM deve ser abandonado nas mãos dos homens e êstes o matarão. Ao terceiro dia ÊLE ressuscitará." Mt. 17,22

"Eis que subimos a Jerusalem. O FILHO DO HOMEM será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas. Será condenado à morte e lançado às mãos dos gentios que dÊLE zombarão, será por êles flagelado e crucificado, mas no terceiro dia ressuscitará." Mt. 20,18.

PASCHA NOSTRUM CHRISTUS EST

ESCOLA SUPERIOR DE CATEQUESE
MATER ECCLESIAE
(ZONA SUL)
Rua Real Grandeza, 108
Botafogo - GB.
Tel. 226-1922
ZC-02

# 1962

Com o primeiro número de um nôvo ano — o ano de 1962 — e ao iniciar a nossa REVISTA GREGORIANA seu nono ano de existência, atingindo com êste número duplo o cinquentésimo de suas publicações, sem contar os números do "Boletim" que deu origem à REVISTA, trazemos, como de costume, aos nossos leitores, uma palavra de saudação e de programa, enquanto nos é permitido prever, através das realizações passadas, o que os tempos que se seguirão nos poderão proporcionar.

Partindo das culminâncias, da cúpula do grande edifício, temos, antes de tudo que considerar que 1962 será o ano do Concílio Ecumênico, II.º Vaticano. O Papa João XXIII convocou-o solenemente por ocasião do Natal, para êste ano nôvo. No princípio de Fevereiro, fixou o Sumo Pontífice a data de 11 de Outubro para a abertura do Concílio, recordando assim o Concílio de Efeso, reunido há quinze séculos, em 431. A expectativa é enorme em tôrno do que possa significar para a vida, florescimento e revigoramento de nossa Igreja imperecível essa reunião de cêrca de 3 000 de seus mais importantes dirigentes. Uma instituição que atravessa os séculos porque divina, mas que sofre as marcas do tempo porque também humana e arca de salvação para os homens, não pode deixar de procurar, de tempos em tempos, ajustar suas vistas e seus meios de ação, como uma exigência mesma da misericórdia e da Caridade para com os homens de determinada época. Êstes precisam receber e ouvir a mensagem de Sabedoria e de Salvação universal operada pelo Filho de Deus, mensagem da qual a Igreja é a depositária, com a missão de expandí-la através de seu dinamismo apostólico.

De maneira mais concreta, que poderemos esperar do Concílio Ecumênico Vaticano II.º? Os campos são diversíssimos e vastos, os problemas complexos e extremamente difíceis. Além disso, qualquer solução teórica terá empre que seguir as vias da prudência, virtude "rectrix" das decisões concretas. Razão por que é melhor confiar no Espírito Santo que governa a Igreja e pedir, com grande insistência, para que Deus mostre à Espôsa de Cristo, para o bem de todos os homens, os seus grandes caminhos.

No domínio da Liturgia cantada, o editorial da revista "Música Sacra" de Milão se exprime em considerações que destacamos do contexto, para dar uma idéia aos nossos leitores do que se pensa na Itália sôbre o assunto.

*"Não podemos, nem ao menos imaginar, de que modo e em que medida, o próximo Concílio Ecumênico se irá ocupar da Música Eclesiástica. É certo que se ocupará. É por demais importante a razão de ser de sua presença na realização da Liturgia e de muito especiais cuidados necessita na atual situação. Nem mesmo o IV.ª Congresso Internacional de Música Sacra, reunido êste ano* (1961) *em Colônia se pronunciou a propósito, e, com oportuna prudência, evitou qualquer discussão ou proposta que pudesse, de longe que fôsse, parecer uma antecipação relativamente ao Concílio. Valha êsse exemplo para persuadir os leitores que se voltam para nós, solicitando respostas que não podemos dar. Uma coisa é certa. Foram escolhidas pessoas de absoluta competência para fazer parte das comissões que deverão apresentar aos Padres Conciliares o material de estudo. Nem poderia ser de outra maneira.*

*O tema é necessàriamente o seguinte: a Música Sacra tem na Liturgia o lugar de louvor, de oração que, sob a forma de arte, deve ser de honra a Deus e de edificação para os fiéis. Se não mantém essa posição, não tem o direito de existir. Mas, é necessário que exista! É, portanto, claro que serão fixados os princípios e normas aptos a salvaguardar sua existência e sua missão.*

*Tomamos todos conhecimento de uma situação que exige a maior atenção e que deverá ser examinada desde o ponto de partida da assim chamada restauração até atingir aos resultados de quase um século de iniciativas e de incompreensões, de fadigas e de indiferença, de lutas e de obstrucionismos. Iniciativas, fadigas, lutas, reconfortadas e apoiadas por importantíssimos documentos pontifícios que*

*passam através da indiferença prática dos mais numerosos, ainda que, sempre disciplinadamente acolhidos como "documentos históricos".*

Depois de se estender mais longamente sôbre seu parecer a respeito de todo o "repertório" da música eclesiástica que vem sendo sempre considerado e classificado de modo quase constante, vendo-se sempre o Gregoriano em poder de seu título de "canto litúrgico" e de canto oficial da Igreja e tendo assumido o lugar que, sem dúvida, lhe compete com justa honra, passa o autor, em sua nota, a considerar agora a execução da mesma música, e aqui sua palavra é forte mas justa:

*"E quanto à parte de execução? Há ainda sacerdotes que não sabem nem mesmo ler o canto oficial da Igreja e quase em tôda a parte, o povo e as "scholae" cantam mal e, pior ainda, tocam os organistas. E isso não sòmente na Itália mas também em muitíssimas outras nações. Em poucas, a situação é louvável ou, ao menos, bôa. Que se deve dizer? Apenas isto: ou que a lei era insuficiente ou que houve a máxima indisciplina no aplicá-la."*

Todos sabemos com, infelizmente, abundantes provas e experiências tristes, o quanto seja verdadeira a observação do Diretor de "Música Sacra". Nem queremos negar frontalmente sua explicação final, um tanto simplista e exagerada. Êle terá suas razões para se lançar em tal afirmação. Entretanto, a questão é por demais complexa para ser resolvida exclusivamente com leis, mesmo quando aplicadas na medida do possível. Sabemos ou, ao menos, podemos suspeitar, como são graves, diversíssimos e complicados os problemas de uma diocee, de uma paróquia, de um seminário, de uma província, de uma casa religiosa para resolverem, junto com tantos outros, o problema da música e do canto. Haverá, quem sabe? indiferença, desconhecimento, desânimo ou desilusão por parte dos superiores no seguir e fazer que sejam seguidas as normas pontifícias. No campo da participação litúrgica ou ainda em outros, não se observará mais ou menos a mesma coisa? Contudo, os obstáculos também não são poucos: a falta de gente, a falta de elementos que se possam dedicar a essa tarefa, a falta de dotes e de formação musical da grande maioria dos elementos com que se conta, a falta de tempo nos currículos de formação e, muito mais ainda, no período de pleno tra-

balho pastoral, e, por fim, como ponto chave: a falta de possibilidades de formação de professores competentes de música eclesiástica. O ambiente geral conhece apenas os improvisadores, os auto-didatas, ou os que cultivam música profana e têm a boa vontade de "ajudar" um pouco o canto na Igreja.

É especialmente quanto ao ponto chave, o de se ter a possibilidade concreta de dar formação musical, no caso, formação de canto litúrgico e oficial da Igreja, que, em nosso meio, o INSTITUTO PIO X do Rio de Janeiro, do qual esta REVISTA GREGORIANA é o órgão de difusão, cumpre uma missão de grande alcance e de grande utilidade que consiste em dar os meios indispensáveis aos Superiores Eclesiásticos de porem em execução a leis eclesiásticas que dispõem sôbre Música Sacra e que lhes oneram a consciência. O Instituto Pio X realizou em Janeiro a 19.ª Semana Gregoriana em S. Paulo e trabalhando com quatro professores, já formados pelo próprio Instituto, poude atender aos quatro anos do currículo de estudos gregorianos para a formação de executantes, regentes e professores. É essa uma oportunidade de excepcional eficiência e comodidade que o Instituto oferece a todos que queiram aprender, para depois cantar, dirigir e ensinar o canto gregoriano: a da participação nas "Semanas Gregorianas" que se realizarão sistemàticamente, como já vem acontecendo, em janeiro (S. Paulo) e em Julho (Rio), sem contar com as "Semanas" das chamadas Escolas Regionais, como foi feita em Janeiro de 1961 em Pôrto Alegre, devendo a mesma ter seu seguimento em 1962, em ocasião a ser fixada. O curso das "Semanas Gregorianas" como o seu complemento "por correspondência" que oferece título mais categorizado, como ainda o curso através do ano letivo, mantido no Rio, simultâneamente em três locais, e de 1962 em diante, em S. Paulo, sob a direção da Escola Regional alí recentemente fundada, todos êsses cursos se encontram especialmente regulamentados "ad experimentum" para proporcionar aos alunos o o ensino superior do canto gregoriano, segundo o método de Solesmes, com uma tal disposição de programas e horários que os coloca ao alcance de todos os interessados. Damos nêste número da REVISTA GREGORIANA, em lugar apropriado, a Regulamentação em vigor de todos êsses cursos, com os programas de cada um dos quatro anos. Nêsse sentido, reafirmamos o que, de há muito, vem sendo a grande meta de sentido pastoral e eclesial do nosso Instituto: colocar à disposição da Igreja, em qualquer de seus grupos

jurisdicionais, colocar à disposição de todos os Superiores Eclesiásticos o instrumento adequado, em pleno funcionamento, e do modo mais perfeito possível para a formação conscienciosa, lenta, profunda, técnica, do pessoal indispensável para uma execução digna, bela, em uma palavra: religiosa, do louvor divino cantado, na casa que Deus escolheu para Sua morada, para aí ser conhecido, amado e honrado.

Dando novamente a palavra ao Diretor de "Música Sacra", vejamos como êle coloca a situação do Gregoriano, forma musical que, sòmente ela, por enquanto, ensinamos em nosso Instituto:

*"O Gregoriano" é o canto oficial da Igreja. É parte integrante de sua Liturgia. Sempre, por reconhecida dignidade, manteve mais ou menos êsse privilégio, mesmo quando a música assumiu novas direções e novas formas. Nem todo o repertório deve ser colocado no mesmo nível artístico, mas possui um número enorme de melodias e de recitativos maravilhosos, confiados ora ao celebrante e aos ministros, ora ao côro e ao povo. É uma forma de canto dificílima, requerendo um conhecimento adequado de sua técnica e uma penetração profunda de seu espírito. Não é lícito que o Sacerdote apresente-a de modo inexato e dela usem de modo indecoroso os cantores ou o povo."*

Aí está uma opinião abalizada que salienta precisamente um aspecto da questão que, não raro, é ocasião de graves equívocos. Dado o caráter primitivo e a simplicidade melódica de muitas peças gregorianas, fàcilmente se poderá ser levado à impressão de que se trata de uma música elementar, de solfejo primário e que, uma vez solfejada, pode ser cantada. Aí está um enorme engano, e o pior serviço que se possa prestar ao canto da Igreja é cantá-lo assim de forma simplista e econômica... É pois preciso repetir, e quem tomar contato com uma verdadeira e única interpretação gregoriana se convencerá imediatamente do que foi afirmado: *"É uma forma de canto dificílima, requerendo um conhecimento adequado de sua técnica e uma penetração profunda de seu espírito"*. Razão por que uma séria e rigorosa formação, em todos os sentidos, é exigida para uma execução digna.

Eis aí, portanto, no início de um nôvo ano de trabalhos, uma reafirmação dos princípios e do escopo que orientam a atividade dêste nosso Instituto que, sob a proteção do

grande S. Pio X, Pontífice da restauração do Canto Sacro, não pretende senão, na medida modestíssima de suas possibilidades, guiar-se pelo lema de seu Patrono: "Sentire cum Ecclesia" e pôr-se, humilde, a serviço das grandes linhas da vida hierática e apostólica da Igreja.

*
* *

Comemorando o número quinquagésimo da REVISTA GREGORIANA, apresentamos a presente edição dupla que quer exprimir a linha de programação que temos procurado dar à REVISTA nos últimos tempos. Considerando que não pode haver canto litúrgico, especialmente gregoriano, sem uma visão completa dos elementos fundamentais da vida litúrgica da Igreja, abrimos sempre nossa REVISTA à orientação do tempo litúrgico ou das grandes festas que coincidem com seu aparecimento. Com êste tempo ou com esta festa fica sugerido o tema dos artigos nos diversos campos que consideramos nossos: Canto, Liturgia, Sagrada Escritura, Patrística, com o complemento das secções de livros, discos, crônicas diversas, etc. Assim, no presente número apresentamos, centralizados nos temas da Quaresma e Semana Santa, aos quais se liga o tema da Penitência, os artigos que se seguem.

Submetido ao mesmo tema, iniciamos uma nova secção que, sob o título de "PASTORAL EM REVISTA", abordará questões atuais e de interêsse no campo pastoral e que se relacionam com a vida litúrgica ou com os temas litúrgicos focalizados. Assim, no presente número, temos a ocasião de apresentar um artigo sôbre a confissão sacramental, muito bem acolhido em sua publicação original.

Procurando corresponder, dessa forma, à boa vontade de nossos leitores e ao desejo que têm de encontrar em nossas páginas algo que fique à altura das revistas estrangeiras dêste mesmo gênero, suprindo, enquanto possível a sua falta entre nós ou dificuldade de encontrá-las, pedimos aos mesmos que não faltem com suas sugestões e críticas, com a paciência e perseverança de seu apôio, pois é obra comum a de uma REVISTA como esta, em que se procura a correspondência, o diálogo entre os que escrevem e os que lêm, todos, sob a égide comum e comunitária do Louvor de Deus na Caridade.

# O MISER

# SALMO 50

1. Ao Mestre de Côro. Salmo de Davi;

2. quando veio a êle o Profeta Natan, depois de se ter unido a Bethsabee.

I. 3. Piedade de mim, meu Deus, segundo a vossa bondade, segundo a grandeza de vossas misericórdias, apagai minhas faltas.

4. Lavai-me completamente de minha culpa, purificai-me do meu pecado.

5. Pois, reconheço minhas inqüidades e diante de mim está, sem cessar, meu pecado.

6. Pequei contra vós, só contra vós pequei, fiz o que é mal a vossos olhos.
De modo que sois justo em vossa decisão, irrepreensível em vosso julgamento.

7. Eis que já fui gerado na iniqüidade
e com o pecado minha mãe me concebeu!

# e mei Deus

II. 8. Amais, contudo, encontrar a verdade em nossas entranhas e é no mais recôndito da minha alma que ensinais a Sabedoria.

9. Purificai-me com o hissope e ficarei sem mancha. Lavai-me para que fique mais branco que a neve.

10. Anunciai-me uma palavra de satisfação e de alegria para que exultem meus ossos, por vós triturados.

11. Escondei vossa face diante de minhas faltas e extingui tôdas as minhas inqüidades.

12. Criai em mim um coração puro, ó meu Deus, e renovai em meu peito uma vontade inquebrantável;

13. Não permitais que me afaste outra vez de Vós. Não retireis de mim vosso espírito de Santidade

14. Restituí-me a alegria de vossa salvação, e sustentai-me com a nobreza de espírito

III. 15. Que possa então vossos caminhos ensinar aos transviados e os pecadores voltarão a Vós!

16. Ó Deus meu Salvador, afastai de mim o Sangue derramado, e minha lingua exaltará vossa misericórdia.

17. Abri, Senhor, os meus lábios e minha bôca anunciará vosso louvor.

18. Não vos comprazeis nos Sacrifícios e um holocausto, ainda que eu o oferecesse, não o aceitarieis.

19. Os Sacrifícios para Deus são uma alma dilacerada, um coração contrito e partido, meu Deus, não o desprezais

20. Em vossa bondade, fazei o bem a Sião, reedificai as muralhas de Jerusalém.

21. Aceitareis então de bom grado os sacrifícios de justiça, o holocausto, a oblação perfeita, as vítimas serão então oferecidas sôbre os altares.

O salmo "Miserere" que passamos a estudar é daqueles que torna o livro dos Salmos mais conhecido e apreciado, constituindo também a prece cotidiana de tantos que aspiram por viver mais intimamente a sua fé.

Na classificação geral dos Salmos do Saltério, é o ,Miserere" colocado entre os "salmos de súplica individual" que escapam a qualquer quadro litúrgico ou de ordem nacional e exprimem uma situação de desgraça ou de miséria individual. Esta é, muitas vêzes, para o israelita piedoso, o perigo de morte, a ameaça das doenças, das infelicidades, dos inimigos pessoais e especialmente o temor do castigo pelo pecado, o dissabor de se reconhecer em inimizade com Deus, o remorso que se manifesta com os sentimentos de penitência e de arrependimento diante de um Deus cuja grande bondade será, para êle, fonte de perdão. Todos êsses são motivos inspiradores de súplicas pessoais que, sob a forma de salmo, de canto inspirado por Deus em sua visão total dos homens, se transfere para o patrimônio comum do judaismo e depois do Cristianismo, de cada fiel que implora o perdão superabundantemente conquistado pelo sangue generoso de Jesus, por todos derramado.

Os salmos de súplica individual, entre os quais está o nosso salmo 50, ao serem estudados pelos especialistas (1), revelam uma certa uniformidade de composição e de estrutura que os distingue de outros tipos de salmo. Nota-se como que um esquema ou um roteiro mais ou menos claro, conforme o salmo, em que quatro elementos ou temas principais aparecem:

1. *A invocação a Javé* está sempre presente. O salmista não deixa de, às vêzes repetidamente, invocar o nome de Deus, garantindo-se assim da presença do Senhor, como seu Senhor, a quem se dirigirá de modo muito pessoal, particular e íntimo.

2. Em seguida há uma *queixa*, um *lamento* que pode ser por causa de um inimigo, de uma doença, da morte que se aproxima ou de sua própria maldade, de seu pecado, de sua iniqüidade, como nêste "Miserere".

3. A *súplica* é como que o coração do salmo. A prece brota do mais íntimo do coração humano que se sente cheio de confiança diante de um Deus que, se pelo seu infinito poder deveria mostrar-se distante e alheio das misérias humanas, pela sua misericórdia, se faz sentir próximo e compassivo em ouvir o transbordar espontâneo

(1) *Ver P. Drijvers, "Les Psaumes" Cerf. Paris,* 1958.

do coração humano em seu sofrimento, ser humano que aspira, naquele momento, ter a face paterna diante de sua própria face humilhada.

4. Por fim, há uma *motivação*, apresentada pelo salmista, que justifica sua súplica e fundamenta sua esperança de ser atendido. Entram aqui em jôgo os atributos divinos que exaltados pela vibrante emoção poética e verdadeira devoção do salmista completam, não raro, a obra com um hino de louvor.

Referindo aqui êsse plano de temas dos salmos de súplica individual, ressaltado pelos estudiosos, não desconhecemos o quanto êle possa auxiliar para uma melhor compreensão do canto, à medida que se atende à sua estrutura de composição. É preciso, entretanto, que se diga que, na própria leitura do salmo, no canto de um salmo como o Miserere, por exemplo, a presença dos aludidos temas nada tem de esquemático, de artificial. O coração se abre com a naturalidade de uma inspiração mais alta, a poesia e a prece, profundamente humilde, sobrenatural e humana a um só tempo — já que a Graça Divina eleva e transfigura o natural sem o destruir — a poesia e a prece desabrocham na espontaneidade de um encontro entre o homem e Deus, como só Deus poderá ter sonhado no primeiro dia da Criação.

O salmo "Miserere", em sua divisão, oferece ocasião para certa discrepância entre os diversos comentadores.

Trata-se, porém, de detalhes que não afetam a visão geral do poema que pode ser simplesmente dividido em três partes principais:

I. Invocação de Deus com a confissão do pecado (3 — 7).
II. O pedido de perdão (8 — 14).
III. Glória a Deus pelo perdão (15 — 21).

Devem merecer consideração especial os versos do título (1 e 2 e os versos finais (19 e 20), parecendo que êstes foram acrescentados posteriormente ao salmo, o que será considerado quando dêles tratarmos.

O "Miserere" faz parte dos sete salmos penitenciais, segundo uma classificação tradicional da piedade da Igreja. É por excelência o canto do arrependimento e da expiação que procura arrebatar o perdão divino, na decisão profunda das melhores resoluções para um futuro que está nas mãos de Deus. É o salmo dos Judeus para o dia da grande expiação. Na piedade da Igreja é o salmo dos tempos de penitência, é um salmo de recitação cotidiana, quer na Liturgia, quer na piedade individual dos que procuram por profissão a Deus, tal a sua identificação profética com a mentalidade penitencial, com a

mensagem de perdão, com a misericórdia salvadora que Cristo derramou sôbre a terra dos homens.

*Versos do Título.*

1. Ao Mestre de Côro. Salmo de Davi
2. Quando veio a êle o Profeta Natan, depois de se ter unido Davi a Bethsabee.

O título do Salmo, que está expresso nos dois primeiros versículos, nos dá uma indicação técnica quanto à execução do mesmo, e ainda o nome do autor: Davi. Dá-nos além disso, a indicação da ocasião em que foi o salmo composto: quando o Profeta Natan veio a Davi depois do adultério dêste com Bethsabee. A visita do Profeta, entretanto, não foi imediatamente depois da falta de Davi. Conta o 2.º livro de Samuel que na época em que os reis estavam em campanha, Davi mandou uma expedição contra os amonitas enquanto êle mesmo ficava em Jerusalém. Vendo à tarde uma bela mulher que se banhava, desejou-a e a possuiu. Sabendo ter ela concebido, atraiu para sua presença o marido de Bethsabee, Urias, um dos militares em campanha e facilitou-lhe tôdas as maneiras de se encontrar com sua espôsa, pois assim não seria infamante para ela a vinda de um herdeiro.

Urias, porém, consciente de seus deveres de militar em plena guerra não acedia aos favores do rei, não deixava a tropa, o que quer dizer, não se aproximava da espôsa. É o que leva afinal Davi a eliminar Urias entregando-lhe indiretamente uma missão da qual dificilmente poderia voltar com vida, como de fato não voltou. Bethsabee depois de chorar o seu marido morto, torna-se espôsa de Davi, junto a quem, dará a luz ao filho concebido no adultério. É depois do nascimento da criança que o Profeta Natan se aproxima de Davi para acusá-lo, através de sua própria sentença real, dos crimes que cometeu (II Sam. 12). Trata-se da narração da bela alegoria daquele Senhor que sendo possuidor de riquezas imensas e de rebanhos inumeráveis, arrebata a ovelhinha, única de um pastor, para com ela banquetear os seus convivas. A indignação do Rei diante do que lhe é narrado, recai sôbre si mesmo, quando lhe é fornecido pelo Profeta o sentido da alegoria, e então se transforma a justiça real em confissão da própria culpa, em penitência. O Profeta Natan assegura a Davi que Deus o perdoará, em vista de sua humilde penitência, mas que o filho que lhe nasceu daquele encontro pecaminoso morrerá. Tenta ainda Davi conjurar a punição prenunciada, castigando-se com jejuns, penitências, orações com lágrimas que causaram admiração a todos. Com isso visava aplacar a ira de Deus.

Entretanto, a criança caminhava inexoràvelmente para a morte. Morta a criança, maior admiração: Davi logo recuperou-se, lavou-se e alimentou-se quase alegre, por causa da satisfação que prestara, pela própria submissão à vontade misteriosa, justa, dura e misericordiosa do Senhor Deus. É pela época das penitências, "quando Natan veio a Davi", que se localizará a ocasião de composição do Salmo conforme a indicação expressa no título.

Santo Agostinho mostra-se preocupado ao explicar êsse título aos seus ouvintes, na célebre Enarratio ao Salmo L. (2)

Mostra-se nervoso ao pedir silêncio ao povo, ao vituperar os cristãos, não catecúmenos ou pagãos, mas cristãos, que naquele momento estarão se divertindo nos circos, nas vaidades, nas insânias mentirosas, abandonando aquilo para o que foram chamados. De nenhum dêles se deve, porém, desesperar, é o que nos mostra o salmo que será explicado.

É com sofrimento e tremor que se fala em Bethsabee, espôsa alheia. Deus entretanto certamente não quiz calar o que desejou fôsse escrito. Não exponho pois o que me daria prazer mas aquilo que me é imposto.

Eis o homem e a mulher de cuja descendência nascerá Jesus, o Cristo, segundo a carne. "Davi gerou Salomão daquela que fôra de Urias", narra cruelmente a Genealogia de Jesus, segundo S. Mateus. O salmo nos vai narrar do que se devem precaver os homens, e o que devem imitar, caso pequem. Muitos estão prontos a cair, com Davi: não porém para com êle se levantar. O pecado de um homem dêstes não é omitido mas anunciado em plena igreja. Os que ouvem a narrativa com maldade, logo procuram um patrono para o pecado, uma defeza para o que estão prontos a fazer, não uma advertência para o que ainda não perpetraram. Se até Davi; por que não eu? Agostinho não quer deixar de enfrentar, até o fim, o perigo de um tal assunto escabroso tornar-se ocasião de pecado para alguém. Os outrora pecadores, uma vez convertidos, parecem temer mais vivamente o perigo do pecado para os outros.

"Amas em Davi, responde, o que Davi odiou em si mesmo". Ouves o livro de Deus para pecares, para desagradares a Deus. Não foi o que fêz Davi, o profeta foi para êle ocasião de correção não de queda. Entre outras considerações, lembra S. Agostinho, que o exemplo de Davi nos admoesta o quanto devemos temer a facilidade, o confôrto das situações prósperas. Todos temem as condições adversas na vida, não as prósperas. Mais perigoso é para o espírito uma situação próspera,

---

(2) *Corpus Christianorum, S.L.* 38 *p.* 599-616.

que para o corpo a adversidade. "Meus irmãos, o quanto é preciso ser vigilante diante da felicidade. "Não cometeu Davi tal pecado quando suportava Saul como perseguidor. Quando Davi santamente suportava o inimigo, quando tremia diante de suas perseguições, quando fugia incessantemente de um lugar para outro, a fim de não cair nas mãos de Saul, não desejava mulher alheia, não eliminava o marido da espôsa adúltera. Estava, no opróbio da tribulação, tanto mais prêso a Deus, quanto mais miserável se encontrava. É útil a tribulação. Derrotou os inimigos, conquistou a segurança, livre de preocupações, despontou o tumor da soberba. Vale o exemplo para que temamos a felicidade. Concluindo a exortação inicial, Agostinho recorda: estejam vigilantes, os que não caíram, em guardar sua integridade; se algum já derrotado pelo pecado ouvir as palavras do Salmo repare no tamanho da ferida, mas não desespere da majestade do médico. O pecado é a morte certa se acompanhado do desespêro.

Êste salmo vale também para aqueles que são levados a raciocinar consigo mesmo: se fiz o mal já estou condenado: porque não acrescentar mais e mais pecados, já que Deus não me perdoa. Gozo, ao menos dêste mundo, na sensualidade, na lascívia, na cupidês. Possuirei o que vejo, já que não poderei ter o que creio.
Tu que pecaste e hesitas em fazer penitência pelo teu pecado, desesperando da salvação, ouve Davi: Natan, o profeta, não te foi enviado, mas o próprio Davi. Ouve como êle clama, geme e chora; mistura com os dele teu clamor, teus gemidos, tuas lágrimas. Se não pudeste te livrar do pecado, não te livres do perdão. Foi a Davi enviado o profeta Natan. Repara na humildade do Rei. Não desprezou as palavras do que corrigia, não o interpelou: "Ousas assim falar ao rei?" "Um Rei sublime ouviu um Profeta, seu povo humilde ouça o Cristo."

1.ª Parte: Invocação de Deus com a Confissão do pecado.

3. *Piedade de mim, meu Deus, segundo a vossa bondade;*
*Segundo a grandeza de vossas misericórdias, apagai minhas faltas.*

Para pedir piedade, o salmista invoca o nome de Deus, invoca a Bondade de Deus. Todo o salmo é um apêlo à bondade de Deus, ao seu "*hesed*" como diz o têrmo hebraíco. O segundo têrmo que traduzimos por "misericórdias" tem o sentido primitivo de entranhas, de vísceras, e o derivado de compaixão, misericórdia. Assim, no primeiro verbo, o sentido é de "piedade" de ter compaixão; o segundo é de lavar, de *apagar* as faltas, como no verso seguinte.

Pede grande misericórdia quem uma grande miséria confessa.

Assim fêz Davi que não pecou por ignorância ou inadvertência. Sabe da grandeza de seu pecado e pede a grandeza do perdão, na grandeza que também conhece da Bondade e da Misericórdia Divina.

4. *Lavai-me completamente de minha culpa, purificai-me de meu pecado.*

O verbo lavar é empregado literalmente como uma multiplicação, uma repetição da ação, sempre de novo começada, até que se obtenha o desaparecimento da mancha. Em seguida é o verbo "purificar" que é empregado, designando-se pela diversidade de verbos que o pecado macula e além disso afasta da pureza que é peculiar a Deus e aos que d'Êle se aproximam pela santidade. O pecado, ora aparece no singular ora a palavra correspondente vai para o plural. Um é o pecado de todos os pecadores: o voltar as costas para Deus; assim também, em Davi, um é seu grande pecado, não olhar para Deus, desprezar Sua Vontade, Sua Justiça, quando a paixão, o desejo, a soberba, a iniqüidade lhe sobem ao coração. Não há quem não seja avassalado pela tentação, com isso ainda não pecou; peca quando se esquece da grandeza de Deus e deixa que a iniqüidade o domine, quer que um novo rei de mentira e de falácia reine sôbre seu coração.

Quando êste pecado, que é "o pecado", domina a alma humana, uma coorte depecados se perpetram e se seguem. Não foram poucos os de Davi, por isso, o salmo também usa no plural (V. 5), o que faz S. Jerônimo traduzir: "dele iniquitates meas". É por causa dessa multiplicação de pecados que o salmista já invocou, na segunda parte do v. 3 "a grandeza das misericórdias" do Senhor. O verso guarda um perfeito paralelismo nos dois hemistíquios: lavai-me e purificai-me, as idéias e as palavras voltarão no decorrer do salmo. Em todo o perdão de Deus, seja no banho batismal, seja no perdão dos pecados pelo sacramento da penitência, não é sem razão que se podem distinguir um lavar, um apagar a culpa, um remover da presença do pecado ou de sua culpa, e o instaurar de algo de novo que além de expulsar o pecado, é uma entidade divina que se instala na alma humana, que se poderá chamar de purificação, de santificação, de Graça.

A Graça Divina Incriada que d Deus em sua Bondade, faz nascer algo de criado na alma humana; a nova criatura, que abre as portas para uma superior vida de relação, de união, de presença, com Deus.

A misericórdia é para que se perdoe o pecador, a justiça para que se puna o pecado, diz Santo Agostinho, pois não ficará impune o pecado. Que o pecador se antecipe para receber a punição, então o per-

dão se aproximará dêle. É preciso que comece por reconhecer para começar a merecer.

O jôgo de palavras é apreciado pelo Bispo de Hipona: "peto ut *ignoscas* quia ego *agnosco*", peço que perdoes porque eu reconheço o mal que fiz.

5. *Pois reconheço minhas iniqüidades e diante de mim está, sem cessar, meu pecado.*

É esta a atitude decisiva para a recuperação do pecador.

O que há de mais comum e vulgar é a negação da falta, é a insensibilidade à sua presença, é a suprema arrogância de, às vêzes, mesmo das faltas se envaidecer. E é preciso dizer que Deus é terrívelmente silencioso diante daquêles que não se dispõem à humildade; Deus se finge, se faz de ausente para aquêles que o querem ausente, que o ausentaram de suas vidas; Deus se faz de silenciosamente inexistente para aquêles que o querem inexistente. É profundamente misteriosa a predestinação divina que permite que o pecador se instale em seu pecado, que não se pertube com a salvadora e salutar perturbação de se reconhecer pecador. O que Deus pretende quando admite essa insensibilidade do pecador impenitente, o esclerosamento de uma consciência que não acusa, mas se compraz com as mais gritantes iniqüidades, quem o poderá saber? Como a Justiça e a Misericórdia divinas possam estar plenamente em ação em meio a essa aparente ausência divina, só o saberemos um dia, quando não mais houver o véu dos mistérios, quando conhecemos como somos conhecidos por Aquêle que é mais nós mesmos que nós mesmos.

Somos apenas prevenidos pelas palavras da Escritura que não nos deixemos enganar e atrair pela aparente felicidade dos pecadores; enquanto o justo terá tantas vêzes que se saciar com o amargo consôlo da sabedoria que ensina que Deus castiga ao que ama. Realmente, o amor de Deus é, por vêzes, ruidosamente escandaloso, duro e cruel, ao despertar o pecador para a consciência de seu pecado. Manda todos os emissários possíveis: doenças, morte, desgraças, crimes, guerras, pobreza, desditas, ou até mesmo, parodoxalmente a felicidade, a riqueza, o sucesso, um mensageiro humilde que diz uma boa palavra quando era necessário, a atitude religiosa de um membro da família, uma vocação religiosa, uma palavra ou um sorriso de uma criança. Todos êsses são outros tantos profetas Natan para os pecadores de todos os tempos e condições que Deus sabe serem capazes de ouvir a voz que chama e de responderem com a palavra de Davi: reconheço tudo que de mal fiz.

Há ainda os que ensaiam uma excusa, de tal modo se habituaram a admitir que não podem passar por maus, ou se reconhecerem como tal, ainda que saibam que de fato o são. O rei poderossísimo Davi prefere, diante de todos os que conheceram seus pecados, se reconhecer pecador, se constituir como réu, êle que por todos sempre fôra temido como Juiz. Adota diante de Natan, diante de tôda a gente, a verdadeira responsabilidade, a única que o homem pode ter diante de Deus, a responsabilidade da humildade, da penitência, do doloroso reconhecimento da falta. Essa "confessio" é dita a "concessio" característica das preces e dos salmos penitenciais. É a atitude de quem não procura consertar para se defender, mas admite totalmente para ser perdoado e para que nasça de novo o que foi destruído; antes de tudo, a Graça, a amizade com Deus.

É essa a nota completamente original, a nota "sui generis", do tribunal de penitência de Deus, o tribunal misterioso e único da misericórdia e do perdão do Cristo. Ùnicamente ali se concebe que tôda a iniciativa judicial parta de um réu que espontâneamente se apresenta para confessar e para se acusar com liberdade absoluta de todos os seus crimes, com todos os seus detalhes conhecidos ou não, mesmo os que jamais poderiam chegar ao conhecimento de alguém; mais, com a liberrima ostentação das mais íntimas e secretas intenções que, por um momento apenas, encontraram complacência na vontade humana decaída, ainda que não tivessem aquêles recônditos anseios a mínima possibilidade de fazer descer suas garras corrompidas ao nível da ação no real e no concreto. É êsse o único Tribunal que se inspira no que Deus escreveu por Davi. É um Tribunal de confissão, de penitência, de perdão, de reconciliação, de satisfação em que Deus é o grande Juiz e onde cada pecador continua a falar e fazer sua a palavra de Davi: "reconheço minhas iniqüidades," tôdas elas, e "diante de mim está sem cessar o meu pecado" não para voltar a elê, não para me rejubilar com êle, orgulhando-me do que fiz, lamentando, quem sabe? não ter ido um pouco mais além. Não. O perdão é muito fácil de ser obtido quando se fêz o muito difícil de merecê-lo, declarando a culpa, manifestando o pecado, expelindo-o como ao veneno, mas, ao mesmo tempo, mantendo-o sem cessar diante de si, para abominá-lo como passado, para um decisivo, forte e sincero desejo de precaver-se contra uma sempre possível queda, mais próxima, às vêzes, do que se possa prever.

"O que está de pé, veja que não caia", diz S. Paulo; tenha diante de si, sem cessar, os seus pecados.

6. Pequei contra vós, só contra vós pequei,
fiz o que é mal a vossos olhos.
De modo que sois justo em vossa decisão,
irrepreensível em vosso julgamento.

Diversas interpretações tem merecido êsse versículo que entretanto considerado simplesmente no contexto do Salmo, se faz compreender sem maior dificuldade. O fato de ser rei não exime Davi de culpa diante de seus semelhantes quando quer que os ofenda em direitos que são sagrados. O Rei só não está ligado às leis que nêle e dêle tiveram origem; quanto ao direito que vem de Deus e está inserindo no íntimo mesmo da natureza e do coração humano, o Rei é tão súbdito como o mais humilde subdito, acrescendo-lhe a responsabilidade de ser rei. Não é isso o que quer dizer Davi; jamais negará êle o mal e a injustiça que fêz a Urias, nem tôdas as faltas com que lesou seu próximo, mas tendo diante dos olhos todos os benefícios recebidos de Javé, diante da grandeza infinita de Javé, seu pecado fundamental e único é sua inimizade com seu Deus, com seu tudo; seu repúdio a Deus é seu pecado, do qual a injustiça para com as suas vítimas é uma mera ocasião ou a conseqüência de uma atitude fundamental, seus outros pecados são as circunstâncias secundárias de uma atitude essencial.

Por isso aliás o texto hebreu usa do refôrço da repetição: "pequei contra vós, sim, só contra vós", como a mostrar que uma realidade mais profunda deve superar, sem a abrogar, a realidade concreta patente a todos: as ofensas às suas vítimas.

Em tempos em que o homem tende demais para baixo, para o simplesmente animal, já não é pouco obter que êle tenha no plano puramente humano sua consciência sensível às tremendas injustiças que os homens se fazem mútuamente.

Ser sensível à injustiça e ao crime no plano puramente humano já é uma conquista.

Séria um falso angelismo, e uma fácil mistica, além de totalmente errada, sentir-se culpado, fazer-se humilde diante de um Deus longíncuo ofendido, e não do semelhante, do próximo espezinhado. Por isso, o Novo Testamento, e especialmente S. João, o Apóstolo que mais nos fala do amor, afirmam que o mandamento do amor de Deus e do amor ao próximo são um só mandamento e que quem diz que ama a Deus a quem nunca viu e não ama ao seu próximo, que tem a todo instante diante de si, mente.

Uma visão mais profunda, mais completa, mais teológica do pecado, sem nada diminuir da gravidade da injúria ao próximo, coloca tôda a maldade fundamental do pecado na injúria mais grave

que possa existir que é a injúria ao Ser perfeito do qual o homem recebeu o próprio ser e tudo que tem, inclusive a própria liberdade que êle corrompe, servindo-se dela para o mal, inclusive as próprias entidades físicas que entram materialmente no pecado. Razão tem pois o salmista de, com fôrça de expressão, dizer "só contra vós pequei."

A humildade verdadeira do que reconhece a extensão do seu pecado leva-o a receber como algo de sumamente justo, como algo que ainda foi mitigado pela misericórdia divina, como uma verdadeira benção de benignidade, os castigos que vem das decisões e dos irrepreensíveis julgamentos de um Deus que tudo dispõe e governa com suma sabedoria. Pois a Sabedoria Divina não deseja a morte, a perdição, o desespêro do pecador mas que se converta e viva.

Uma justa ponderação da gravidade dos pecados leva o pecador a reconhecer suave a mão de Deus que, ainda castigando, leva-o com justiça irrepreensível, com paternal doçura à satisfação e à salvação. É comovente de se assistir o trabalho não raro da Graça que leva tantas vêzes as criaturas carregadas com o pêso de opróbios, doença, morte, miséria, dores a reconhecerem com alegria e com ação da Graças como Deus foi bom ao lhes mandar tão pouco... relativamente ao que mereciam por seus pecados. É o que leva Davi a dizer que seu pecado atingiu só a Deus, atingiu fortemente a Deus e êste, ao lhe mandar o castigo, o remorso, a dôr pela morte do filho e tantas outras desgraças e penitências, foi apenas justo em seus decretos, irrepreensível em seus julgamentos.

São Paulo em sua Epístola aos Romanos (3,4) cita esta última parte do v. 6 mostrando tudo que Deus confiou aos judeus como oráculos de sua justiça, antes de tudo a própria Lei e a circuncisão. Se êles não foram sempre fiéis, isso em nada reduz a fidelidade de Javé pois se de um lado o salmo diz: "todo o homem é mentiroso" (Sl.115) de outro lado se afirma de Deus: "Assim, sereis reconhecido Justo em vossas palavras e sereis vencedor (triunfante em vossa justiça) quando julgardes" (Sl. 50,6). Ainda prossegue S. Paulo para refutar alguns, — alta cavilação judaica — que diziam ser então necessária a falta dos homens para que se manifeste a justiça de Deus, estariam pois perdoados os que prestaram êsse serviço à justiça de Deus... Os que isso ensinam é que não estarão perdoados... A Justiça de Deus não nasce do mal nem depende do mal, se o mal é a ocasião para que ela se manifeste, nem por isso o mal deixa de ser mal nem ela será melhor do que sempre foi. Apenas do próprio mal ela consegue tirar o bem, o que é adorável em Deus.

7. *Eis que fui gerado na iniqüidade e com o pecado minha mãe me concebeu!*

Ao confessar seu pecado, Davi quer buscá-lo desde sua raiz. Já foi gerado no pecado, Eva, a mãe de todos os homens, lhes transmitiu não uma natureza imune do pecado ou agraciada por Deus, mas uma natureza manchada pelo pecado dos primeiros pais. Não é pouco que Davi como Rei e como Rei Messiânico, em virtude de tantas promessas e provas do favor divino, se reconheça pecador desde sua concepção, nascido no pecado com o pecado, como afirma no 2º hemistíquio, portanto absoluta e essencialmente igual a todos os outros homens, míseros pecadores e mortais.

O uso da preposição "com" o pecado exclui algo de peculiar à mãe mesma de Davi; mas coloca o têrmo pecado nas bases de um pecado de natureza, não pessoal nêle ou em sua mãe, mas original, como tôda a tradição de interpretação é unânime em afirmar que se trata aqui do pecado original. Quando diz, pois, que já foi concebido com o pecado, refere-se ao pecado de Adão que maculou todo o homem que descende dos primeiros pais. Assim ninguém nasce sem pecado: "Ninguém é puro diante de Vós, nem a criança cuja vida é de um só dia sôbre a terra" diz Jó (14,4) e ainda o Apóstolo Paulo: "Fomos nós também como os outros, pela natureza, filhos da ira (Ef. 2,3) e ainda: "por um só homem o pecado entrou nêste mundo e pelo pecado a morte, assim a morte passou através de todos os homens que, naquele homem, todos pecaram". Vê-se assim que todos os homens são gerados na iniqüidade, não que seja uma iniqüidade e um pecado os corpos dos cônjuges se juntarem para gerar um filho, pois sua legítima e santa união tem êste fim, mas porque são gerados por obra da carne, por obra da natureza, e a natureza está marcada pelo pecado, a carne traz em seu seio a morte, pena do pecado. O Apóstolo chama o corpo não como algo que há de morrer, mas como algo que já está morto, já tem a semente da morte em si: Assim o que é concebido por um corpo destinado à morte, portador da morte, porque marcado pelo pecado, como o poderá ser sem vínculo do pecado? Pergunta Santo Agostinho. Assim em Adão todos morrem e em Cristo todos são vivificados. Quis, é certo, o Cristo assumir nossa natureza mortal, quis sofrer conôsco nossa pena para salvar-nos de nossa culpa; não nasceu, porém, do pecado, porque não foi concebido por semen humano portador do pecado, mas concebido do Espírito Santo e nascido de Maria Virgem, também ela imune do pecado por especial intervenção de Deus ao preparar o templo humano de seu Filho.

Davi afirma o nascimento de todos os mortais no pecado e na iniqüidade, ao afirmar, na humildade de um Rei, repleto de promessas messiânicas que êle foi concebido no pecado por sua Mãe.

# DOIS SERMÕES DE S. LEÃO SÔBRE A QUARESMA

Faz pouco comemorou-se o 15.º centenário da morte do papa São Leão Magno. O Santo Padre João XXIII assinalou a data com uma Encíclica — "Aeterna Dei Sapientia" — enaltecendo a figura do grande "Doutor da unidade" da Igreja, que se reveste do maior interesse neste tempo do Concílio Ecumênico. Ninguém talvez tivera, antes de S. Leão, uma consciência tão nítida e tão profunda da universalidade e da unidade da Igreja, bem como do papel que nela representa o Pontífice romano como "chefe universal", a quem compete uma solicitude por tôdas as Igrejas (1).

Observa ainda a Encíclica que a época em que viveu S. Leão pode ser comparada, sob vários aspectos, às dolorosas condições de nossos dias. Foi realmente uma fase de transição, o caso da Idade Antiga e da romanidade, a passagem à era dos Bárbaros que, cristianizados, moldariam a Idade Média. Inúmeras fôrças de dissolução, externas e internas, ameaçavam a estabilidade e a unidade dos cristãos. Periclitava o Império de Roma, que parecia, desde Constantino, o baluarte da fé, o instrumento providencial e quase indispensável da ação missionária e unificadora da Igreja entre os povos. São Leão também o considerava assim, mas, homem de fé, sabia e proclamava que a verdadeira e gloriosa Roma era a de S. Pedro e S. Paulo, a qual subsistiria às ruinas do mundo pagão. Na contemplação dessa vocação espiritual de sua Pátria enchia de esperança os seus fiéis:

---

(1) Epístola CIII: PL 54,992; Epístola V: PL 54,615.

"por causa da séde do bem aventurado Pedro, tu te tornaste, ó Roma, a capital do orbe, destinada a mais amplamente presidir o mundo em virtude de tua religião divina do que do teu poderio terreno" (2).

Internamente, minava a Cristandade o mal das heresias que se propagavam: pelagianos, nestorianos, maniqueus, arianos, e sôbretudo o nóvel monofisitismo, que, com sua aparência de mística piedade, esvasiava a realidade humana de Cristo, fazendo-o um Deus que já não era nosso irmão. São Leão não apenas combatia todos êsses êrros com suma energia, mas também desanuviava os horisontes indicando, com o vigor e a clareza de suas fórmulas teológicas, qual a rota da autêntica tradição revelada. Imortalizou-se, como "Símbolo" de fé cristológica, sua "Carta a Flaviano" sôbre as duas naturezas distintas e inseparáveis da única pessoa de Jesus Cristo. O Concílio de Calcedônia reconheceria, num ímpeto de entusiasmo, que "per Leonem Petrus locutus est" e a posteridade daria ao grande Papa, como a São Cirilo de Alexandria, o título de "Doutor da Encarnação".

Há outro aspecto da personalidade e da obra de S. Leão que, principalmente nos últimos decênios, tem sido pôsto em foco: o da sua espiritualidade plena e perfeitamente litúrgica.

Ela emana sôbretudo do testemunho dos "Sermões", valiosa coletânea de 94 prédicas de seu pontificado, que ainda hoje são o que de melhor se pode encontrar em matéria de meditação e vivência dos temas do Ano litúrgico. Vários dêles estão inseridos no Breviário para, na solenidade e sobriedade de seu estilo, nos projetarem imediatamente no âmago do mistério celebrado. São Leão tem um impressionante senso do realismo sacramental daquele "hoje" que a Liturgia não cessa de repetir nas grandes festas. Os mistérios da existência histórica de Cristo, fontes e exemplares da vida sobrenatural, continuam a agir no cristão, aprofundando-lhe a configuração à pessoa e à história do Salvador, na medida em que êle participa da celebração do "cursus annuus" (3).

E o que é admirável é entrever-se nesses Sermões não só o pensamento teológico de um homem, de um Doutor, mas a atmosfera, a mentalidade de uma comunidade, de

---

(2) Sermo LXXXII; PL 54,422: cf. nossa tradução: REVISTA GREGORIANA, n.º 39.

(3) Ver, a êste respeito, G. Hudon, "La perféction chrétienne d'après les sermons de saint Léon", Cerf, 1959, cap. II.

uma Igreja, quase diríamos de uma época. Pois Pastor como era, S. Leão falava para ser entendido; seus ouvintes assimilavam sua pregação e por meio dela desenvolviam uma espiritualidade no quadro da liturgia, do temário do Ano litúrgico, encontrando ali a motivação e o dinamismo de sua moral, de sua ascese, de sua contemplação. Aliás, S. Leão mesmo propõe sempre a necessidade dessas repercussões concretas, dessas aplicações práticas sem as quais não há vida sobrenatural: "implendum est opere quod celebratum est sacramento" (4). Não basta a contemplação e a ação de graças pelo mistério salvífico, durante a comemoração cúltica: é necessária a "imitação" do sacramento (5).

Em seu excelente livro sôbre o conceito de perfeição cristã, em São Leão, o Pe. G. Hudon mostra a lucidês com que o Santo Doutor encarava a ascese como essencialmente sacramental, sob os dois aspectos de ascese de preparação e de prolongamento das celebrações litúrgicas. Isto acarretava evidentemente uma espiritualidade profundamente comunitária e eclesial: não é só a sua perfeição que busca o fiel, mas a da Igreja, a configuração crescente do Corpo Místico à sua Cabeça, que é Cristo. Como diz um dos Sermões que transcreveremos a seguir:

"temos em comum a criação à imagem de Deus... somos santificados pelo mesmo Espírito, vivemos na mesma fé, concorremos aos mesmos sacramentos".

Outra conseqüência dêsse modo de ver e de pregar era a altitude do ideal que se apresentava a todo e qualquer fiel .São Leão não se intimidava em lembrar-lhes que todos os que foram criados e recriados à imagem de Deus têm por vocação "imitarem a bondade do Pai celeste":

"A regra de conduta dos fiéis se acha no exemplo das obras divinas, e Deus quer que aqueles que Êle criou à sua imagem e semelhança O imitem" (6).

Imitamos a Deus imitando a Cristo e imitamos a Cristo se vivemos no amor e se praticamos a caridade — a caridade fraterna! — principalmente em seu modo mais sublime que é a misericórdia:

"Foi pelas virtudes da misericórdia e da verdade que o Salvador veio para nos salvar; é por elas também que os salvos devem caminhar para o que os salva, afim de que a

(4) "É preciso realizar com obras o que foi celebrado no mistério": Sermo LXX.
(5) Cf. Hudon, obra cit., p. 180.
(6) Sermo XLV.

misericórdia de Deus nos torne misericordiosos e a verdade de Deus nos faça verazes" (7).

Tudo isto aparece muito claramente nos Sermões da Quaresma. Como não se trata então de uma festividade, mas do tempo que prepara a uma festividade, o argumento ascético adquire uma evidência máxima. Todos êles terminam por considerações bem concretas sôbre a caridade fraterna, na forma das obras de misericórdia individuais e sociais, que corporificam a nossa imitação da bondade do Pai.

Os dois sermões que escolhemos, entre os dez existentes sôbre a Quaresma, servem de exemplos dessa perspectiva litúrgica e prática em que colocava S. Leão seus fiéis no tempo de expectativa dos mistérios pascais. São os dias que precedem a celebração de nosso resgate pela misericórdia do Senhor, manifesta em sua Paixão e Ressurreição. Devem intensificar nossa observância para nos predisporem à renovação de nossa Redenção no dia da Páscoa.

## SERMÃO LX

### SÔBRE A QUARESMA — N.º 2.

Caríssimos, embora com a aproximação da festividade pascoal a própria recorrência do tempo legal nos convide ao jejum da Quaresma, deve, contudo, ser feita ainda a exortação de nossa palavra, a qual, com o auxílio do Senhor, não será inútil aos tíbios nem enfadonha aos devotos. Pois se o espírito dêstes dias pede a intensificação de tôda a nossa observância ,ninguém haverá, entre vós, (como espero), que não se alegre de ser incitado às bôas obras. Nossa natureza, sendo mutável, enquanto permanece mortal, mesmo que em gráu máximo se esforce na prática de tôdas as virtudes, sempre, no entanto, assim como pode ter para onde decair, pode ter para onde subir. E esta é a justiça verdadeira dos perfeitos: que nunca se presumam perfeitos; para não acontecer que, deixando de tender para a frente no caminho ainda não concluído, venham a sucumbir onde mesmo depuseram o ansêio de progredir.

Por conseguinte, Caríssimos, já que nenhum de nós é tão perfeito e santo que não possa ser mais perfeito e santo ainda, com piedosa avidês corramos, sem diferença de ca-

(7) Ibid.

tegorias, sem distinção de méritos, todos juntos corramos, desde onde já chegamos até aos cumes que ainda não alcançamos; e acrescentemos algo à nossa medida habitual. Pouco religioso se mostra em outro tempo aquele que não é achado mais religioso nêstes dias.

Foi, pois, oportunamente que ressoou aos nossos ouvidos a leitura da pregação apostólica que diz: "Eis agora o tempo favorável, eis agora o tempo da salvação". (2 Cor. 6,2). Pois que haverá mais favorável do que êste tempo? que mais salutar do que êstes dias, em que se declara guerra aos vícios e se aumenta o proveito de tôdas as virtudes?

Sempre, com efeito, ó alma cristã, te foi necessário vigiar contra o inimigo de tua salvação, para que nenhum flanco teu se expusesse às insídias do tentador; mas agora se exige uma cautela maior e uma prudência mais solícita, já que o mesmo inimigo se enfurece com uma inveja mais acêrba. Pois agora, por todo o mundo, lhe é tirado o poder da antiga dominação e inúmeras prêsas lhe são arrebatadas ao cativeiro. O atrocíssimo depredador é rejeitado pelos povos de tôdas as nações, de tôdas as línguas, e já não se encontra uma categoria sequer de homens que não lute contra as leis do tirano, ao mesmo tempo que por todos os confins da terra milhares de milhares se preparam para serem regenerados em Cristo. Ora, com o nascimento da nova criatura o espírito maligno é expulso dos mesmos que êle retinha em seu poder. Ruge, por isso, o furor ímpio do inimigo expoliado, e busca novos lucros quando perde seus antigos direitos. Incansável e vigilante, captura as ovêlhas que por acaso encontra negligentemente desviadas dos rebanhos sagrados, as quais, pelos declives dos prazeres e pelas escarpas da luxúria, levará êle às estalagens da morte. Inflama assim as iras, nutre os ódios, aguça as cobiças, ridiculariza a continência, excita a gula.

Quem não ousará tentar, se não deteve o impulso de sua fraude nem diante do próprio Senhor Nosso Jesus Cristo?

Porquanto, segundo o manifestou a narrativa evangélica, como nosso Salvador, verdadeiro Deus, tivesse sentido a fome peculiar a nossa fragilidade humana, após um jejum de 40 dias e 40 noites, (para assim demonstrar ser verdadeiro homem e excluir as ímpias opiniões de todos os êrros), o demônio, contente por encontrar nêle um sinal da natureza passível e mortal, disse-lhe, explorando um poder que temia:

"Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pão".

Podia fazê-lo, sim, o Onipotente. Fácil seria que ao império do Criador se transformasse a criatura na espécie que êle ordenasse ,de qualquer gênero que fôsse; como, quando quis, mudou a água em vinho, no banquete nupcial. Convinha, porém, mais à economia da salvação que a astúcia do soberbíssimo inimigo fôsse vencida não pelo poder da divindade, mas pelo mistério da humildade.

Repelido o demônio e esmagados todos os seus artifícios de astuto tentador, aproximaram-se do Senhor os Anjos e O serviam; para que naquele que era verdadeiro homem e verdadeiro Deus, se visse a integridade da humanidade, durante o interrogatório do Maligno, e se manifestasse a divindade, durante os serviços dos santos Anjos.

Sejam, pois, confundidos os filhos do demônio e os discípulos que, repletos da inspiração viperina, enganam aos simples, negando serem verdadeiras as duas naturezas em Cristo, ou porque despojam da divindade o homem, ou do homem a divindade. O duplo ensinamento de um mesmo fato destrói êsses dois êrros: pela fome sentida no corpo se demonstra a autêntica natureza humana e pelos Anjos servindo, a perfeita divindade.

Já que "não só de pão vive o homem, mas de tôda a palavra de Deus", caríssimos, como aprendemos do magistério de nosso Redentor, e sendo digno que o povo cristão, por maior que seja a abstinência que pratique, deseje ser saciado antes com a palavra de Deus que com alimento corpóreo, assumamos o jejum solene com uma devoção pronta e com uma fé alegre! Não deve ser êle celebrado numa abstinência estéril, muita vez ditada pela fraqueza do corpo ou pelo vício da avareza, mas numa larga benignidade, de modo tal que sejamos daqueles dos quais diz a própria Verdade: "Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão saturados". (Mat. 5,6).

Sejam assim as nossas delícias as obras de piedade, e enchâmo-nos com os alimentos que nos nutrem para a Eternidade. Alegrêmo-nos com as refeições dos pobres que nossas despêsas tiverem saciado. Regozijêmo-nos com a roupa daqueles cuja nudez tivermos coberto com as necessárias vestes. Sintam nossa benevolência humana as enfermidades dos que jazem no leito, as fraquezas dos débeis, os sofrimentos dos exilados, o desamparo dos órfãos, os lamentos

das viúvas desoladas; em auxílio dêsses tais não há quem não possa contribuir com uma quota de benignidade. Para quem tem alma grande não há esmola pequena; a medida da piedade não depende da capacidade dos bens de cada um. Jamais carece de mérito a riqueza da bôa vontade, mesmo quando as dádivas são pequenas. São, com efeito, maiores os donativos dos ricos e menores os dos remediados; mas não difere o fruto das obras quando é o mesmo o afeto dos que operam.

Existem, porém, Caríssimos, nesta oportunidade de serem exercidas as virtudes, os lauréis de outras corôas, que podem ser obtidos sem nenhuma despêsa dos celeiros. sem nenhuma diminuição nas riquezas; o que se dá se a lascívia é repelida, se a embriaguês é renunciada, se a concupiscência carnal é dominada pelas leis da castidade, se os ódios passam a amor, as inimizades se convertem em paz, a tranqüilidade extingue a ira, se a mansidão perdôa a injúria, se os costumes, enfim, tanto dos senhores como dos servos, são de tal sorte moderados que o poder daqueles se torna mais manso e a disciplina dêstes mais dedicada. Com esta observância obter-se-á, Caríssimos, a misericórdia de Deus e, apagada a culpa dos pecados, religiosamente se celebrará a veneranda Péscoa.

Há muito tempo guardam êsses costumes também os piedosíssimos imperadores do mundo romano, numa sã praxe, que é de, em honra da Paixão e Ressurreição de Cristo, inclinarem a altitude de seu poder e abrandarem a severidade de suas constituições, determinando o perdão para os criminosos de muitas culpas, afim de que nos dias em que o mundo é salvo pela misericórdia divina, também copiosa seja a sua clemência, imitadora da suprema Bondade.

Sigam, portanto, os povos cristãos os seus Príncipes e por êsses exemplos régios deixem-se incentivar à indulgência na sua vida privada. Porque não é justo que as leis privadas sejam mais severa do que as públicas. Perdôem-se as culmas, desliguem-se os grilhões, esqueçam-se as ofensas, morram as vinganças; para que, em razão da misericórdia divina e da msericórdia humana, a sacra festividade a todos encontre alegres e inocentes. Por nosso Senhor Jesús Cristo, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina, Deus, pelos infinitos séculos dos séculos. Assim seja!

## SERMÃO XLI

### SÔBRE A QUARESMA — N.º 3

Caríssimos, devemos sempre viver sábia e santamente, dirigindo nossas vontades e ações para o que sabemos agradar à justiça divina; ao aproximarem-se, porém, êstes dias, mais que outros enobrecidos pelos mistérios de nossa salvação, com maior diligência devemos purificar os corações e mais solìcitamente exercitar a disciplina das virtudes. Assim como êstes mistérios de certa maneira são maiores, também nossa observância deve aumentar sua medida costumeira, pois quem vai celebrar uma festa mais sublime deve também achar-se mais ornado. Se se tem como razoável e, até certo ponto, religioso, ostentar em dia festivo uma veste mais bela, demonstrando no hábito do corpo a alegria da mente; e se adornamos a própria Casa de Oração com cuidado e melhor culto possível; não será côngruo que a alma cristã, templo vivo e verdadeiro de Deus, também aumente sua beleza, e vigie com maior seriedade, para que mancha alguma de iniquidade a ofusque ou ruga de duplicidade a enfêie, quando vai celebrar o mistério da nossa redenção? Que vale um culto externo e sua aparência de honestidade, se o interior do homem está aviltado pela contaminuição dos vícios? Tudo, portanto, que empane a pureza da alma e o espêlho da mente deve ser lavado com zêlo e erradicado. Perscrute cada qual a sua consciência, pondo-se diante de si mesmo, na censura do próprio juizo. Veja se encontra no íntimo do coração aquela paz que Cristo dá, ou se algum desejo da carne existe que se opõe ao desejo do espírito; veja se não despreza o humilde e aspira o grande, se não se deleita com o lucro iníquo, se se alegra com o imoderado aumento de suas coisas; se enfim não arde de inveja pela felicidade alheia ou se regozija com a miséria do inimigo. Não achando, porventura, em si, nenhuma destas perturbações, investigue num exame sincero de que espécie são os pensamentos que ocupam seu espírito, se não consente nas imagens das vaidades ou com que pressa afasta da mente os objetos nocivos que a seduzem. Porque, não sentir emoção alguma por quaisquer prazeres, não se sentir movido por nenhuma concupiscência, não é para esta vida, que, tôda, é uma tentação e acaba vencendo principalmente quem não teme por ela ser vencido. É da soberba a presunção de com facilidade não se pecar, já que só mesmo isto

presumir seja pecar, consoante o dito do bemaventurado apóstolo João: "Se dissermos que não pecamos, enganâmo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós".

Ninguém, pois, se iluda, Craíssimos, ninguém se engane, confiando na pureza de seu coração e pensando que não se deixará abater pelos perigos das tentações. O vigilante tentador ataca com mais acerbas insídias os que mais vê absterem-se dos pecados. Pois quem poupará de suas fraudes, se ao mesmo Senhor da magestade ousou tentar com sua malícia? Vira seu próprio orgulho ser calcado pela humildade do Senhor Jesús em seu Batismo; compreendera dever-se excluir qualquer desejo da carne após um jejum como aquêle, de quarenta dias e, contudo, não desesperou a improbidade de seus artifícios de malícia; confiava tanto na mobilidade da nossa natureza que presumia tornar pecador aquele que, como verificara, era homem.

Ora, se o demônio não eximiu das armadilhas de suas mentiras ao próprio Nosso Senhor e Salvador, quanto mais não há de tentar agredir a fragilidade nossa? Pois nos odêia mais fortemente e nos persegue com mais feroz inveja desde que o renegamos no Batismo, deixando nossa origem, sôbre a qual êle dominava, e passando a ser nova criatura, graças à regeneração divina.

Assim enquanto estamos revestidos da carne mortal, o velho inimigo não desiste de em tôda parte nos estender seus laços de pecado. Persegue os membros de Cristo principalmente quando vão celebrar os mistérios mais sagrados e, pois, com razão, a doutrina do Espírito Santo ensinou o povo cristão a se preparar para a festa da Páscoa na abstinência de 40 dias. O motivo mesmo desta purificação nos convida à sua observância salutar e à solicitude na penitência proposta. Quanto mais santamente tivermos agido, nestes dias, tanto mais daremos prova de honrar com religiosidade a Páscoa do Senhor.

Pratiquemos por isto mais largamente nos santos dias de jejum as obras de piedade que sempre nos devem ocupar. Sejamos misericordiosos com todos e principalmente com os domésticos da fé, para imitarmos a bondade do Pai celeste que faz nascer seu sol sôbre bons e maus e chover sôbre justos e injustos. Assim, embora deva ser auxiliada principalmente a pobreza dos fiéis, do mesmo modo, contudo, devêmo-nos compadecer dos que ainda não receberam o Evangelho: em todos os homens é preciso amarmos a comunhão de natureza. Pela mesma razão seremos benignos,

também para com os que nos estão sujeitos, qualquer que seja a sua condição, maxime se já renasceram na mesma graça que nós e se já foram resgatados pelo mesmo preço do Sangue de Cristo. Temos de comum com êles a criação à imagem de Deus, não nos diferenciando nem a origem da carne nem o nascimento no Espírito. Somos santificados pelo mesmo Espírito, vivemos na mesma fé, concorremos aos mesmos Sacramentos. Não se menospreze esta unidade, não nos façamos indiferentes a uma comunhão tão grande. Ao contrário, torne-nos mais mansos em tudo êsse fato de termos, submissos, homens, com os quais, igualmente, servimos ao único Senhor. Se alguns deles ofenderem seus senhores, cometendo faltas mais vraves, recebam, agora nestes dias de reconciliação, o perdão. Que a misericórdia afaste a severidade e o perdão a vingança. A ninguém retenha a prisão, a ninguém encerrem os cárceres, pois o nosso Deus prometeu misericórdia sob esta condição: terá perdoados os seus pecados quem perdoar os alheios. Acabemos com os motivos de dissenção, caríssimos, e com os agulhões das inimizades! Cessem os ódios, extinguam-se as simulações, e todos os membros de Cristo concorram juntos à unidade do amor! Bemaventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus; e não só filhos mas herdeiros; mais ainda, coherdeiros do Cristo, Senhor nosso, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Assim seja!

# AS NOVAS PEÇAS DE CANTO DA SEMANA SANTA

O novo *Ordo* da Semana Santa apresenta, do ponto de vista do repertório musical, algumas diferenças do que era feito até agora (1).

Façamos primeiro a lista das peças que não figuram mais na liturgia atual.

O Resp. *Collegerunt,* próprio para a bênção de Ramos, caiu agora em desuso, ao passo que o Resp. *In Monte Oliveti* tirado das Matinas da Quinta-feira, foi conservado.

---

(1) Consultar-se-á com proveito sôbre êste assunto o trabalho monumental do Pe. Hermann Schmidt, s.j.: **Hebdomada Sancta,** 2 vol., e o estudo musical do Dr. Helmut Hucke, que está anexo (pág. 901-905).

As grandes antífonas galicanas da Procissão de Ramos: *Cum appropinquaret, Cum audisset, Ante sex dies,* não aparecem mais no novo *Ordo;* nada impede, entretanto, que os que desejarem continuar a cantá-las nesta procissão, onde estão perfeitamente colocadas, de as incluir no repertório *ad libitum,* previsto pelas rubricas do *Ordo* (n.º 20) (2).

Quanto ao canto da Paixão, a última parte do recitativo, foi cantado sòmente desde o século XIII, "com o tom e nas cerimônias do Evangelho", ou então sôbre um tom *ad libitum* sem ligação com o *Cantus Passionis* vaticano atual, aproximando-se do *Cantus antiquior* recentemente restaurado pelos Cistercienses. Um retôrno às formas primitivas das cerimônias, suprimiu tôda a diferença entre o fim do recitativo da Paixão e o resto, e levou a supressão pura e simples dêste recitativo *ad libitum* que não era desprovido de encanto...

As Vésperas de Quinta e Sexta-feira Santas desapareceram, absorvidas pelas grandes Funções vesperais; encontram-se algumas das antífonas (4 ou 5) nas novas Vésperas de Sábado santo, mas as antífonas do *Magnificat*: *Coenántibus illis* e *Cum accepisset acetum,* estão definitivamente canceladas do repertório.

Nas Laudes abreviadas, acrescentadas depois em 1951 à Missa noturna da Páscoa, a antífona do *Benedictus* das Laudes da Páscoa (suprimidas) tomou o lugar da antífona do *Magnificat*: *Vespere autem sabbati* das antigas Vésperas (também abreviadas) do Sábado santo.

A supressão de Matinas e Laudes da Páscoa (para os que participam da Vigília da Páscoa) não obriga a suprimir as peças do canto: as antífonas e os responsos encontram-se de novo na oitava.

Vejamos agora as peças novas.

Não falaremos dos salmos restituídos às antífonas que eram cantadas separadas (na distribuição dos Ramos, na comunhão da Quinta-feira santa). Ponhamos também de parte a Missa do Crisma, provida dum formulário de cantos inteiramente novos. Sobram três setores onde aparecem as peças novas:

---

(2) É o que fizeram os monges no seu **Ordo Hebdomadae sanctae Iuxta ritum monasticum.** Desclée, 1957 pág. 39 sqq.

a procissão de Ramos;
o rito solene da comunhão de Sexta-feita santa;
as Vésperas de Sábado santo.

## I. A PROCISSÃO DE RAMOS

Podemos distinguir o repertório oficial e o repertório *ad libitum*. O primeiro é dado *in extenso* no novo *Ordo* e faz reviver um certo número de antífonas tradicionais, esquecidas há séculos. O segundo está previsto pela rubrica n.º 20 e sua composição deixada ao bom gôsto e bom senso do clero.

Ant. Coeperunt omnes turbae.

Depois das antífonas retomadas do rito antigo:
*Occurunt turbae,* a qual tem a mesma melodia da antífona do *Benedictus* da Epifania (*Hodie caelesti sponso*);
*Cum Angelis et pueris,* 4.ª antífona de Laudes do domingo de Ramos, e do qual o *Hosanna* final é o do *Sanctus* XVII, porém escrito em *sol;*

e *turba multa,* antífona do *Benedictus* de Ramos;

a primeira antífona nova é *Coeperunt omnes turbae,* que já se encontra no Antifonário de Compiègne (IX.º sec.) para a procissão de Ramos. O texto, tirado de S. Lucas (XIX, 37-39), é em substância o da Vulgata com variações (*descendentium* em vez de *discipulorum*) que parecem próprias da região de Tours, pelo menos pelos manuscritos colecionados por Dom Sabatier; a variante *Pax in terra* (em vez de *Pax in coelo* de todos os manuscritos do evangelho) não aparece senão nos manuscritos de canto e provém sem dúvida de uma reminiscência litúrgica do *Glória in excelsis.*

A melodia é feita de fórmulas de antífonas do 1.º modo, com algumas particularidades. A primeira frase, tôda inteiramente no grave, dilata um pouco os três incisos do timbre clássico *Ecce in nubibus caeli* (2.º Dom. do Advento), com entoação que faz lembrar a do *Cum esset sero* (Quasimodo). A cadência é notável pelo podatus de bordadura no acento tônico, visto estarmos habituados à cadência redundante simples com dois punctums dobrados. Com o pensamento nos prodígios operados pelo Salvador, inspira-se depois o centonizador numa fórmula aguda, no he-

xacorde do bequadro é fácil seguir a indicação melódica apoiando-se vigorosamente sôbre essas notas expressivas. No *dicentes,* a mesma cadência fora do habitual. A aclamação em estilo direto, *Benedictus, Hosanna,* não é feita aqui com grito de entusiasmo; inclina-se para o grave da escala, requer um estilo ligado, fervoroso e sustentado, fazendo sobressair a linha que tem de absorver os detalhes. A ascenção final do *Pax in terra* presta-se a um crescendo discreto, com boa articulação no comêço e um cume melódico, que deve vir sendo preparado de longe no *gloria.* Enfim ,notemos que a ampliação melódica do *excelsis* final tinha talvez para o compositor um sabor de eternidade; não é que faz lembrar a cadência da ant. *Virgo Gloriosa* de Santa Cecília, onde a insistência dos mesmos graus traduz perfeitamente o texto *non... cessabat.*

Ant. Omnes collaudant

O *Ordo* propõe em seguida, de acôrdo com os manuscritos ingleses, uma dupla versão melódica da antífona *Omnes collaudant,* curioso exemplo de transformação de um timbre antifônico, graças aos empréstimos dos quais tentaremos descobrir a origem.

A primeira versão é muito característica dêstes modos que só atingem de passagem e como furtivamente sua dominante teórica. Se quizessemos recorrer à linguagem dos algarismos, havíamos de perceber que em 47 notas enunciadas, o *sol* é sonorizado 21 vêzes; e outras tantas vêzes os graus que o bordam: *lá,* 12 vêzes e *fá,* 9 vêzes; enquanto que o *dó* só aparece 2 vêzes, *si, mi* e *ré,* 1 só vez! E não é um caso isolado, nem na composição mais ou menos livre (ant. *Gloria in excelsis Deo,* de Laudes do Natal), nem nos timbres (ant. *Iustificeris,* de Laudes da Quinta-feira santa).

(Ver e comparar as duas versões da Ant. "Omnes collaudant".)

Embora não seja pròpriamente um "timbre", a ant. *Omnes collaudant* obedece no entanto, aos hábitos das composições clássicas; as duas subidas ao *dó* são colocações assaz tradicionais, mas sòmente o segundo (*Hosanna*) traduz uma nuança do texto.

Vejamos agora como esta antífona foi reconsiderada em sua composição e recebeu maior contraste e maior colorido.

A entoação, que só fazia intervir a sub-tônica, foi substituída por uma entoação que "canta" no registro grave do Tetrardus. O resto do primeiro membro conservou-se pràticamente o mesmo com exceção dos ornamentos. No segundo membro foi o registro agudo que foi utilizado. A entoação *Benedictus* lembra a do Cântico *Benedictus es Domine Deus,* dos sábados das Têmporas. Quanto ao *in nomine Domini,* apesar das subidas dos *si* ao *dó,* podemos reconhecer o *Sanctus* da Missa I (3), com final apropriado, que em nada se assemelha ao final da primeira versão; citaria de preferência a cadência do primeiro membro (*et dicunt*).

As diferenças de composição explicam as diferenças de cada uma das duas melodias: a primeira, colocada de modo forçado em transposição bastante baixa, por causa da salmódia que segue (e que é a quarta dominante verdadeira da antífona!), muitos julgarão sem relêvo. No entanto, o modo como os acentos da maior parte das palavras são apresentados no agudo (*lá*), *collaudant, nomen, Benedictus, vanit, nomine, Domini,* é notável: permite um modêlo para cada palavra, sendo fácil ordenar a linha de conjunto dominada pelas culminâncias em *dó*.

A segunda, ao contrário, lança de uma forma triunfal a aclamação a Cristo-Rei, realçada ainda mais pela gravidade do início. Não há mais retilíneas, uma só frase bem centrificada no *qui venit,* com uma prótase e uma apódose, igualmente bem desenhadas. E como, por felicidade, o 8.º tom salmódico foi conservado, não há obrigação de o transpor muito baixo, e o magnífico cume poderá desabrochar em todo o seu brilho.

A rubrica que se acha no fim do salmo *Lauda Jerusalem* parece indicar que a antífona só é repetida uma vez, no fim do salmo. A mesma rubrica tornaremos a encontrá-la depois dos salmos previstos para a comunhão de Quinta-feira santa. Pode-se pensar que a maneira de proceder prevista para casos semelhantes pela rubrica mais geral e mais recente da *"Instrução"* de 3 de setembro de 1958 (n.º 27) é mais autorizada, e que se pode tanto na comunhão da Quinta-feira santa como na procissão de Ramos, retomar a antífona depois de cada versículo ou de cada dois versículos. Desde logo haveria, para os córos que

(3) A mesma fórmula melódica encontra-se nas mesmas palavras no Sanctus da missa XI.

o pudessem fazer, uma interessante alternância a estabelecer. Tomando-se *si* ou mesmo *dó* como tenor *salmódico* (no que nada haveria de exagerado visto que os versículos são cantados por dois solistas escolhidos e alternados com a antífona), ter-se-ia então o seguinte esquema:

ant. (2.ª versão) pelas vozes altas (ou por tôdas);
versículo (ou grupo de vers.) pelos solistas;
ant. (1.ª versão) pelas vozes graves;
versículo (ou grupo de vers.) pelos solistas;
ant. (2.ª versão) pelas vozes altas (ou por tôdas); etc.

Ou então, segundo o rito responsorial que ainda subsiste no ofertório e na comunhão da missa dos Defuntos, poder-se-ia fazer alternar entre os versículos ou grupos de versículos do salmo a antífona inteira (2.ª versão) e a aclamação: *Benedictus*...

Vê-se que, sem inovação arriscada, porém utilizando inteligentemente os textos musicais que o *Ordo* propõe, pode-se dar grande relêvo a esta salmódia de "canto ao ar livre".

Ant. "Fulgentibus palmis"

Mais ingrata sob todos os pontos de vista, a antífona sangalense que se segue, move-se no entanto no mesmo âmbito do Tetrardus; os intervalos no entanto são mais tortuosos (*Fulgentibus, occurramus*), mesmo que a composição seja estudada, com o retôrno, na forma de rimas extensas, do tema melódico do *advenienti Domino* sôbre o *Benedictus Dominus*. Notem-se estas duas cadências datílicas que são a diérese duma conhecida fórmula espondaica (Dominus — Deus).

Ant. "Ave Rex noster"

A seguinte antífona, *Ave Rex noster,* foi fornecida pelos livros franceses. Vê-se que nada há de mais "católico" do que o repertório oficial mantido no novo *Ordo* da Semana santa.

O texto em si, que é muito belo, nos adverte que deixamos o caminho precedente: às paráfrases do Evangelho sucede uma pura composição eclesiástica que ensaia uma síntese doutrinal do mistério da Redenção:

*Salve, ó nosso Rei, Filho de Davi, Redentor do mundo,*
*Vós que os profetas anunciaram a vinda como Salvador da casa de Israel;*
*Sois Vós que o Pai enviou ao mundo como Vítima para a nossa salvação,*
*Vós a quem todos os santos esperavam desde o comêço do mundo*
*E agora: "Hosanna ao Filho de Davi! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Hosanna no mais alto dos céus!"*

Por engano, a edição típica da Tipografia vaticana havia atribuído a esta antífona o "7.º modo". Nada disto, entretanto. Trata-se de um Protus, fortemente tingido no fim de fórmulas desconhecidas no estilo gregoriano, as quais tornamos a encontrar em outras peças de origem francesa, prováveis vestígios do canto galicano.

Esta antífona é mais um canto para as estações do que uma marcha (lembrando-nos antigos estações do Calvário, fáceis para serem restauradas na procissão de Ramos). O início, muito expressivo, nada tem de brilhante; a seguir a bela cadência de *David* que resume sôbre o acento oxítono tôda a fórmula melódica habitualmente distribuída em duas sílabas (acento e final); o tema inicial reaparece: *Redemptor mundi* reproduz quase, nota por nota, *Ave, Rex noster.* O movimento parece caminhar mais. Depois da saudação inicial, grave, solene, aparece agora um estilo menos ornado, o detalhe das prerrogativas messiânicas. Note-se a colocação do quilisma na cadência de *"venturum"*: está em seu lugar autêntico, e não sôbre o *mi,* como nas comunhões *Confundatur* ou *Beata viscera.*

Há uma simetria visível entre as duas frases:

*quem prophetae praedicaverunt... esse venturum,*
e *Te enim ad salutarem victimam...*
porém sem rima na cadência. Ao contrário, *omnes sancti* repete bastante exatamente *esse venturum.*

Em *"origine"*, encontramos uma primeira fórmula ouvida muitas vêzes na antífona *Cum audisset* (*qui venturus est, salus nostra, Throni, asinae, mundi*); uma outra ainda mais típica do canto "francês" no emprêgo do *pes stratus,* encontra-se imediatamente depois no *et nunc,* e faz lembrar (mas com a restituição dos *mi* no lugar dos *fá*) *sedens* e *salve, Rex* do *Cum audisset.* Neste *et nunc,* a melodia é

novamente mais insistente para introduzir a aclamação cantada no grave, saïvo o último *Hosanna*, que resume em parte, *expectabant*. A cadência *qui venit* lembra *praedixerunt* do início. Por outro lado, a expressão *in nomine Domini* reproduz, em parte, a melodia que reveste as mesmas palavras no *Sanctus* I e XI, processo já assinalado na antífona *Omnes collaudant* (2.ª versão), enquanto o *Hosanna* final (acentuado: *Hósanna* pela melodia) apresenta, um pouco, as mesmas curvas — ou mesmo a mesma distribuição das sílabas — que *Hosanna* do *Sanctus* XI.

Eis afinal a construção bastante livre, dêste canto de meditação do mistério da Redenção e da Pessoa do Redentor. Sem receio de retirar-lhe a profundeza, que lhe vem sobretudo de sua tessitura grave, e de seu estilo neumático, convém dar-lhe, no centro sobretudo, um certo movimento, sob pena de torná-lo algo de morto. É preciso também frasear ao máximo êsses incisos e êsses membros, aliás bem construídos e fáceis de serem realçados.

## II. O RITO SOLENE DA COMUNHÃO DA SEXTA-FEIRA SANTA

Era o *"Vexilla Regis"* que se cantava antigamente na Sexta-feira santa durante a volta solene do S. Sacramento, levado pelo próprio Celebrante do repositório ao altar. O novo *Ordo* estipula que a *Schola* cantará três antífonas, uma após outra, durante a cerimônia desempenhada agora pelo diácono.

Estas antífonas procedem do Ofício da Invenção da Santa Cruz, que foi sempre uma fonte de temas para a Sexta-feira santa. Elas fazem o traço de união entre a adoração do madeiro da Cruz, regado pelo Sangue redentor, e a comunhão sacramental. Notar-se-á um nítido progresso nestas três antífonas, nos textos cada vez mais patéticos como nas melodias:

*Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos, pois pela vossa santa Cruz remistes o mundo.*

*Pelo madeiro ficamos escravos e pela santa Cruz ficamos livres; o fruto da árvore seduziu-nos, o Filho de Deus nos resgatou.*

*Salvador do mundo, salvai-nos, Vós que pela Cruz e por vosso Sangue nos resgatastes; socorrei-nos, vos suplicamos, ó nosso Deus!*

ANT. "Adoramus te"

Encontra-se esta antífona no antifonário de Hartker; é de um timbre clássico do 1.º modo. Por consideração para com o conjunto da Edição Vaticana onde êste novo texto deveria estar inserido, não se julgou necessário restituir em 1956 os *si bequadro* certamente autênticos. Por outro lado, os antigos faziam a crase dos dois *e* de *Christe et,* assim como do *Kyrie eleison;* para ficar mais claro, separou-se o oriscus terminal do neuma de *Christe* que pode ser comparado com a antífona do *Benedictus* dessa mesma Sexta-feira santa: *Posuerunt super caput ejus.*

A interpretação desta pequena antífona é clara e fácil. Depois de uma revoada entusiástica sôbre o acento tônico de *adoramus,* ápice da peça, vem o descanso por patamares com, no entanto, uma cesura no *ré* (*tibi*). Pode ser observado o graduar melódico que basta seguir na dinâmica expressiva:

| | |
|---|---|
| *benedicimus* | *fá sol fá* |
| *quia per Crucem* | *sol lá sol* |
| *tuam* | *fá sol fá* |
| *redemisti* | *mi fá sol fá mi ré* |

Ant. "Per lignum"

A segunda antífona foi tirada dos livros franceses. Como acontece em muitas composições gregorianas, um paralelismo melódico corresponde ao paralelismo do texto. A seguir da entoação no grave, o motivo (*servi facti sumus*) aparece pela primeira vez. A melodia fica depois na tônica (*et per sanctam Crucem*), retomando depois textualmente o motivo já ouvido; o todo em crescendo porque a primeira frase não é mais que a prótase de antífona, tôda ela orientada para o cume *fructus arboris.* Êste inciso culminante é bem constante e requer um movimento dilatado; a queda sôbre o monosílabo acentuado *nos* ajudará a não enfraquecer ou extenuar a final e fazer a ligação com o que se segue, apódose sem dúvida, mas apódose contendo ainda bastantes reservas melódicas para realizar o belo lançamento de quarta e a longa descida de quinta "tritonada", os quais dão margem a todo alargamento necessário para a conclusão da peça, ao mesmo tempo que dão uma mudança de terna meditação ao evocar o Sacrifício redentor.

Ant. "Salvator mundi"

Foi Hartker que desta vez ainda forneceu esta peça, que é dirigida, desta vez num estilo direto, ao Salvador, que agora passa entre os fiéis, no Sacramento memorial de sua Paixão. Êste apêlo está revestido de uma música vibrante e direta, saltando diretamente para os cumes melódicos com os paralelismos de costume (*salva nos, redemisti nos*). Evitem sòmente cortar demasiado depois do *Sanguinem* para não separar indevidamente *redemisti nos*. Depois da invocação vem a oração, ardente sempre, mas apaziguada, com um último salto ársico em *te deprecamur,* que se poderá destacar ligeiramente do *Deus noster* final, terminando bem o neuma do *deprecamur* e pronunciando com naturalidade as consoantes.

Sem dúvida esta sucessão de antífonas postas do princípio ao fim não é uma forma litúrgica muito antiga... É de admirar mesmo vêla introduzida numa restauração que se deseja evidentemente de espírito inteiramente outro; verdade é que a cerimônia da qual ela faz parte nada tem de clássico e não tem similar em todo o ano litúrgico. Dito isto, as três antífonas conservadas pelo novo *Ordo* são simples e belas, e realmente orantes. Neste caso que poderíamos desejar de melhor?

A recitação do *Pater.*

Paremos um pouco nos problemas que a recitação do *Pater* nos oferece, a qual deve ser feita *solemniter, graviter et distincte.* Seria vão querer obter êste resultado sem uma séria "revisão" rítmica e algumas repetições em aulas de catecismo, nas reuniões do trabalho, nas cerimônias da Quaresma, etc. Sem dúvida, não queremos impor o conhecimento da técnica a todos os executantes! Mas o Regente, êle ao menos, deve possuir perfeitamente essa técnica, sob pena de tudo estragar. De resto, não há problemas muito delicados; porém é necessário vê-los claramente.

Cada um dos incisos, ou quase todos — tais quais estão delimitados pelos asteriscos do texto oficial do *Ordo* — permite em seu meio uma cesura mais ou menos importante, que facilita muito o contrôle do fluxo rítmico. Mais ainda, em cada um dêstes incisos podemos determinar uma *palavra-chave* que uma vez bem ritmada é suficiente para que o resto siga sem dificuldade.

Estando os incisos numerados, eis aqui as anotações que podem ser feitas sôbre o assunto, segundo os princípios tão claramente expostos por M. Le Guennant (Précis, ns. 583-608):

I. Propomos duas soluções para o início. Para facilitar a um grupo pouco exercitado, a segunda deve ser levada em conta: atacar a sílaba acentuada de *Pater* num T.C. binário logo com o ictus no primeiro tempo indicado pela pausa.

Preferimos — de muito — o ictus em *es* (palavra gramaticalmente forte: verbo), de preferência a *qui* e *in* (palavras gramaticalmente fracas: relativo e preposição). Esta segundo solução será portanto útil se houver necessidade de reagrupar as vozes que partiram mal no *Pater Noster*. De outra forma um ictus ársico é possível no *es*, e o tempo ternário *es in coe* — (*lis*) *está perfeitamente constituído*.

2. Organizar a palavra *sanctificétur* de acôrdo com sua corrente de acentuação, em subida para o acento tônico; o resto irá por si.

3. Da mesma forma, a palavra *advéniat*, bem timbrada, é a chave de todo o inciso: prestar atenção na duração normal da sílaba superveniente *ni*, geralmente engolida.

4. Querendo, no entanto, fazer sobressair o verbo *Fiat* — bem possível num grupo exercitado (comunidade religiosa) — será mais simples não o ritmar e será *volúntas* que regerá o meio inciso. A cesura depois de *tua* acarretará, sem dúvida, um prolongamento do final desta palavra. Será possível também tentar uma retomada íctica, sendo isso necessário para assegurar o conjunto das vozes; daí procede um ritmo uniforme binário; ou então o ritmo ternário (*si*) — *cut in coe* — (*lo*) é mais fluente. Evitaremos assim colocar o ictus em *in*, palavra fraca que, ao contrário, estará em seu lugar num segundo tempo ternário. Quanto à subdivisão dos quatro tempos seguintes, (*coe*) — *lo et in ter* — (*ra*), ficará bem esbatida: desde o fim de *coelo* até ao acento de *terra*, não há realmente onde se possa pôr o pé.

5. No ataque, mesmos problemas e mesmas soluções do n.º 1. Propomos depois ritmar *quotídiánum;* depois da cesura, importante aqui também, a ligação faz-se naturalmente.

6. Os pontos de apôio no primeiro meio-inciso estão em *dimitte*. Na cesura porém, escolheremos entre o ictus rítmico no final de *nobis* ou no acento de *débita*;

ou então a final de *nobis* será uma *thésis* simplesmente *verbal*, por causa da *distinção verbal* necessária entre os grupos das palavras *dimitte nobis* e *debita nostra*, e o ictus (ársico) será colocado no acento inicial do *débita;*

ou por outra, faremos o ritmo clàssicamente na palavra *nobis*, e o acento de *débita* inaugurará uma arsis elementar de dois tempos simples, como em *in nómine Dómini* do *Sanctus* XVIII (cf. R.G. 1959, pg. 164).

7. Depois de bem ritmar *dimíttimus*, o problema de encadeiamento da ligação é menos agudo porque, segundo o grau de ligação dos dois sub-incisos por cima da cesura, a primeira sílaba de *debitóribus* poderá ser:

ou ictus, ou no segundo tempo de um compasso ternário que tenha a sílaba final de *dimíttimus* como primeiro tempo.

De tôda a maneira, *debitóribus* é a chave do segundo sub-inciso.

8. Pomos o ictus em *nos*, monossílabo acentuado, e o tempo composto ternário *nos indu* — (*cas*) rege até o fim.

Subdividindo o radical da palavra *tentatiónem* teremos uma série de compassos ternários muito alertas.

9. É de todo necessário reunir *líbera nos* que forma uma única locução verbal; portanto, nada de ictus para rematar o fim da palavra *líbera* e nada de ritmo uniforme binário: *sed líbera nos a malo.*

O *Amen* é ao mesmo tempo distinto de malo e ligado a êste último inciso (4).

## III. VÉSPERAS DO SÁBADO SANTO

O retôrno da Vigília pascal à sua hora normal tornou necessário a restauração das Vésperas do Sábado santo.

A história destas Vésperas — ligada ao horário da Vigília Pascal — é complexa e, em alguns pontos, ainda misteriosa (5). Parece, segundo antigos *Ordines romani*, que

(4) Esta análise rítmica do **Pater** vale igualmente para o canto do sacerdote na missa cantada no tom solene; os neumas das cadências influem evidentemente sôbre o ritmo, mas não há outros problemas.

(5) Cf. Hermann Schmidt, s.j. **Hebdomada sancta**, II, p. 890-900.

no tempo em que se fazia a Vigília pascal (como se faz hoje) na noite de sábado para domingo, o clero rezava as Horas diurnas de sábado em particular, sem se reunir no côro e, forçosamente, sem as cantar. As Vésperas incluíam os salmos feriais do sábado, sem antífona e, no *Magnificat,* a antífona *Vespere autem sabbati.*

Produziu-se então uma primeira evolução quando a Vigília pascal foi celebrada à tarde; hesitaram em antecipar as Vésperas e as salmodiaram na hora própria, durante a longa distribuição da comunhão ao povo. Sua composição era idêntica.

Terceira etapa: estas Vésperas colocadas agora depois do *Alleluia* pascal solene, a salmódia recebeu o *Alleluia* como antífona.

Enfim, o *Laudate Dominum omnes gentes* tomou o lugar dos salmos feriais com o *Alleluia* por antífona, mas as Vésperas resumidas são cantadas depois da comunhão do povo.

O novo *Ordo* não conservou a solução antiga: salmos feriais sem antífona (6). Das Vésperas retiradas de Quinta e Sexta-feira santa, foram conservadas quatro das cinco antífonas sálmicas, acrescentando-se a primeira *Hodie afflictus sum,* e a antífona do *Magnificat,* histórica, *Principes sacerdotum.*

Escolhendo de preferência esta piedosa escôlha dos versículos 1 e 7 do Salmo 115: *Hodie afflictus sum valde, sed cras solvam vincula mea,* o novo *Ordo* fêz poucas inovações. É um texto cujo sentido se aproxima daquele que já se encontra na Semana santa *beneventina,* estudada em detalhe no tomo XIV da *"Paléographie musicale"* (cf. pg. 339). Não foi utilizada a melodia beneventina, mas a adaptação (7) moderna teve êxito. Sem declamações, usando com habilidade os parcos meios do canto gregoriano, a oposição entre *Hodie* e *cras* foi satisfatòriamente reproduzida.

---

(6) Notemos que os cistercienses nestes últimos anos retomaram o ofício ferial para as matinas do Triduum sacrum.

(7) O timbre antifônico é o de **Bonum est** (A.M. 372)

A dôr dêsse dia de luto, passado em meditação ao lado duma sepultura, está bem expressa nessa recitação surda em *sol* sem elevação, bem ao contrário, terminando no grave; depois vêm os dois quilismas em *sed cras,* de uma oportunidade perfeita; e enfim, a terça maior aparecendo na cadência dá uma nuança que faz, da ressurreição já esperada, mais do que uma esperança: uma certeza confirmada.

A antífona do *Magnificat* é menos expressiva. Como a antífona "*Coeperunt omnes*" de Ramos, ela utiliza os temas bem conhecidos do timbre em três incisos (*Ecce in nubibus caeli,*) completados agora por uma larga forma de cadência.

O costume — mais que centenário! — de não cantar as Vésperas do *Triduum sacrum* deixou traços até no, novo *Ordo.* Embora as antífonas das Vésperas do Sábado santo tenham sido oficialmente publicadas em 1956, as rubricas mantiveram o *sine cantu.* De acôrdo com a última edição típica (1959) conservando as melodias, podemos, até decisão em contrário, calcular que foram feitas para serem cantadas, ainda que não haja certamente obrigação alguma.

Trad. de Sofia Costa

LEITOR E AMIGO,

Saldando sua assinatura de 1962, presenteie seus amigos com uma assinatura da REVISTA GREGORIANA.

# Projeto de Regulamentação dos cursos de Canto Gregoriano mantidos pelo Instituto Pio X do Rio de Janeiro e Escolas Regionais Filiadas

1. O INSTITUTO PIO X distribui dois tipos de títulos aos alunos que freqüentam os seus Cursos: o de *Diplomado* em Estudos Gregorianos, e o de *Executante* de Canto Gregoriano aquêle mais, êste menos categorizado.
2. Para ambos os títulos o currículo é de 4 anos, recebendo os alunos no fim de cada ano, depois de superados, com sucesso, os exames, e satisfeitas as exigências abaixo descritas, o respectivo Certificado.
3. Os Cursos através dos quais se obtêm os referidos títulos são de três tipos conforme a escolha do aluno, a saber:

   A — O Curso durante o ano letivo, mantido pelo Instituto e Escolas regionais, segundo programas, número de aulas e horários aprovados pela Diretoria do Instituto Pio X.
   B — O Curso por Correspondência.
   C — O Curso das chamadas "Semanas Gregorianas" (10 dias).

4. Os Cursos "A" e "B" dão direito ao título de D.E.G. a não ser que o aluno aspire apenas ao título de E.C.G. ou que obtenha alguma nota abaixo de 7 nos exames finais de qualquer dos anos.

   § Único — Nesse último caso, a critério da Diretoria, o aluno poderá obter a repetição de um ou dois dêsses exames.

5. O Curso "C" normalmente só dá dreito ao título menos categorizado de "Executante de Canto Gregoriano" a não ser que o aluno, obtendo em todos os exames de cada ano graus nunca abaixo de *9*, seja julgado por

voto dos professores e da Diretoria, depois de um exame final de Regência, de Conhecimentos Gregorianos e de Didática Gregoriana, merecedor do título mais categorizado de "Diplomado em Estudos Gregorianos" (D.E.G.)

6. Os cargos de Professores no Instituto Pio X e nas Escolas Regionais em cursos destinados a dar o título de D.E.G. só pode ser exercido por portadores do mesmo título, salvo caso excepcional a juízo da Diretoria do Instituto Pio X.

## CURSO "A"

7. O Curso "A" é feito durante o ano letivo no INSTITUTO PIO X do Rio de Janeiro ou em outro local aprovado pela Diretoria do mesmo Instituto.
8. Êste curso funciona em aulas semanais assim distribuídas:

— uma hora de Teoria do Canto Gregoriano
— hora e meia de Aplicação prática
— hora e meia de ensaios obrigatórios.

9. É também obrigatório o comparecimento às Missas Cantadas e outros programas realizados pelo Instituto Pio X no decorrer do ano.
10. Antes de ser admitido a êste Curso o aluno deverá ser submetido a um exame que revele o conhecimento de um mínimo de Teoria Musical e Solfejo.
11. O aluno que para isto não estiver preparado deverá se inscrever obrigatòriamente num Curso de Solfejo no próprio Instituto Pio X ou em outra organização à sua escôlha.
12. Neste último caso, o primeiro exame de teoria será feito no fim do primeiro trimestre, não ficando o aluno dispensado de continuar êstes estudos.
13. Além dos exercícios que serão feitos durante o ano, o aluno deve submeter-se ao exame escrito no fim do ano. As provas orais serão feitas três vêzes por ano, respectivamente em junho, setembro e dezembro.
14. Êste mesmo Curso poderá ser feito em Escolas Regionais segundo as normas acima, com a aprovação da Diretoria do INSTITUTO PIO X.

15. No caso em que se deva dispensar algo das exigências dêste Curso "A" conforme está regulamentado, em sua aplicação nas Escolas Regionais ou no próprio Instituto, os alunos, que assim cursarem, depois de feitas as provas escritas perante seus professores, se apresentarão às provas orais perante uma "Semana Gregoriana" que tenham freqüentado.

## CURSO "B"

16. O Curso por Correspondência, que pressupõe a freqüência às Semanas Gregorianas e a prestação dos respectivos exames, conforme será descrito abaixo para o curso "C", é dirigido por professor do Instituto ou das Escolas Regionais especialmente designado para isso pela Diretoria do Instituto Pio X.
17. A inscrição no Curso por Correspondência é feita mediante pedido do aluno. É exigido para isto um retrato 3 x 4.
18. Cada ano do Curso por Correspondência comporta um número fixo de lições como vai indicado abaixo:

| | |
|---|---|
| 1.º ano ..... | 20 |
| 2.º ano ..... | 15 |
| 3.º ano ..... | 12 |

Salvo necessárias ou oportunas modificações.

19. As lições devem ser enviadas regularmente durante o ano, no máximo três de cada vez.
20. Cada remessa será acompanhada de um envelope devidamente sobrescritado e selado — porte simples, avião ou registrado — para a devolução das lições corrigidas.
21. O professor poderá exigir a repetição de alguns exercícios quando isto fôr julgado necessário.
22. O Curso por Correspondência é individual e de responsabilidade pessoal.
23. A matrícula no Curso por Correspondência será paga integralmente no ato da inscrição, ou em duas prestações anuais.
24. O aluno que desistir do Curso por Correspondência ou não satisfizer a tôdas as lições, com isso desiste de sua candidatura ao título de D.E.G., passando para o curso de "Executante", a não ser que queira obter o título de D.E.G. sob as condições do n.º 5.

## CURSO "C"

25. Êste Curso é feito nas "Semanas Gregorianas" promovidas duas vêzes por ano pelo Instituto e outras vêzes pelas Escolas Regionais, com aprovação e patrocínio do INSTITUTO PIO X.
26. O aluno que freqüentou uma determinada série (1.º ano, 2.º ano etc.) do currículo em uma "Semana" só será admitido a freqüentar a série seguinte, em posterior "Semana" se, tendo trabalhado ou revisto particularmente a matéria da série já freqüentada, requerer com antecedência de um mês e estiver pronto para por ocasião da nova "Samana", prestar os exames da série anterior. Caso não o faça, ou não obtenha promoção, não será computada sua freqüência na série para a qual não foi promovido.
27. O referido exame, por escrito e oral, será feito imediatamente antes ou dentro dos dias da "Semana". Nada impede que o aluno que freqüentou determinada série em uma "Semana" freqüente-a de novo em posterior "Semana" para, durante a mesma, com mais segurança, prestar seus exames da referida série. Pode isso tornar-se mesmo imprescindível se o aluno não teve oportunidade de durante a primeira "Semana" da respectiva série ou no intervalo entre as duas "Semanas" dominar, trabalhar e repetir a matéria correspondente.
28. O aluno do Curso "C" poderá, se quiser, passar para o Curso "A" ou "B" e mesmo candidatar-se ao título de D.E.G. se satisfizer, quanto à parte de seus estudos feitos no curso "C", as exigências do n. 5.
29. O meio de contato permanente que o aluno manterá com o Instituto Pio X, com suas promoções e com os estudos litúrgicos, escriturísticos e gregorianos se fará através da REVISTA GREGORIANA que todos devem procurar receber, mantendo também com ela correspondência sob seus respectivos trabalhos e dificuldades no que possa interessar ao conhecimento e à difusão do Gregoriano.

---

O presente projeto de Regulamentação foi aprovado a título de experiência e está em vigor salvo posterior revogação pelo prazo de dois anos.

Rio de Janeiro, março de 1962

*D. João Evangelista Enout O.S.B.*
Diretor do Instituto Pio X

# PROGRAMA

## 1.º ANO

I — ELEMENTOS GRÁFICOS:

1. Notação neumática, pauta, claves.
2. Valor, duração, tempo, tempo simples.
3. Barras de divisão e outros sinais.
4. Transcrição em notação moderna.

II — ELEMENTOS RÍTMICOS:

1. Ritmo em geral. Movimento.
2. Ritmo musical.
3. Ritmo Gregoriano.

   a) C.R.F.
   b) Formação do Tempo Composto (binário e ternário)
   c) O Ictus rítmico
   d) Ritmo simples: Esquemas I, II, III.
   e) Regras de colocação dos ictus nos cantos ornados.

III — ELEMENTOS PROSÓDICOS:

1. Ritmo verbal
2. A palavra latina
3. O acento tônico. A sílaba final. A corrente de acentuação.
4. Encadeamento das palavras.
5. Regras de colocação dos ictus no texto.

IV — SALMÓDIA:

1. Estudo dos tons salmódicos: 2.º, 5.º, 6.º e 8.º.

V — ELEMENTOS MELÓDICOS:

1. Modo e tom.
2. Os três Hexacordes
3. Generalidades sôbre os quatro grupos modais. Finais ou tônicas. Dominantes respectivas.

VI — PRÁTICA:

1. Solfejo nas claves de: Sol; Do 3.ª e 4.ª linhas; Fa 3.ª.1. (Leitura à primeira vista)
2. Contagem.
3. Aplicação prática dos tons salmódicos estudados.
4. O aluno deve se preparar para cantar, sòzinho, uma peça fácil.

## 2.º ANO

I — ELEMENTOS RÍTMICOS:

1. Ritmo em si e ritmo musical.
2. Construção rítmica. Grandes divisões da peça gregoriana.
3. Ritmo simples. Ritmo simples desenvolvido. Ritmo Composto.
4. Desenvolvimento do Ritmo Composto. Compenetração e justaposição.
5. Inciso melódico.
6. Traçado da Quironomia. Regência dos Esquemas fundamentais.

II — ELEMENTOS PROSÓDICOS:

1. Aprofundamento do estudo do Ritmo Verbal.
2. Inciso literário.

III — ELEMENTOS MELÓDICOS:

1. Revisão da matéria dada no primeiro ano.
2. Estrutura modal.
3. Pequenas análises modais e hexacordais.

IV — SALMÓDIA:

1. Estudo dos tons salmódicos: 1.º, 3.º, 4.º e 7.º.
2. A superveniente antecipada.

V — PRÁTICA:

1. Solfejo à primeira vista em tôdas as claves.
2. Contagem.

3. Aplicação prática dos tons salmódicos estudados.
4. Manêjo da transposição por escrito.
5. O aluno deve se preparar para cantar sòzinho uma peça.

## 3.º ANO

I — ELEMENTOS RÍTMICOS:

1. Estudo da melodia
2. Estudo do texto
3. A conjunção: melodia-texto.
4. Inversão melódica. Conflito.
5. Ligação dos incisos e membros entre si.
6. Grande ritmo. O membro, a frase.
7. Estrutura da síntese rítmica.

II — ELEMENTOS MELÓDICOS:

1. Estudo dos hábitos dos modos em particular.
2. A função da nota pivot. A nota complementar. Notas modulantes.
3. As modulações
4. As equivalências modais.
5. Análises modais e hexacordais

III — SALMÓDIA:

1. Tons solenes. Tom peregrino

IV — PRÁTICA:

1. Canto de qualquer peça à primeira vista. Escôlha do tom.
2. Solfejo rápido e expressivo em qualquer clave.
3. Contagem.
4. Manejo da transposição. Noções de acompanhamento.
5. Aplicação prática dos Tons Solenes e do Tom Peregrino.

## 4.º ANO

I — ELEMENTOS RÍTMICOS E MELÓDICOS:

1. O Fraseado
2. A síntese rítmica — melódica — modal — verbal.

3. Ritmo musical e Quironomia. Estilo verbal e Modalidade.
4. Composição Modal.

II — ESTILO GREGORIANO. NOÇÕES DE PALEOGRAFIA e de HISTÓRIA DA MÚSICA GREGORIANA.

III — REGÊNCIA GREGORIANA

IV — SALMÓDIA:

1. Tons Ornados.

V — PRÁTICA:

1. Regência
2. Solfejo à primeira vista, rápido, bem ritmado.
3. Transposição.
4. O aluno deve estar preparado a executar, com fraseado, qualquer peça.

---

PRÓXIMA

**SEMANA GREGORIANA**

**16-26 DE JULHO 1962**

Rio de Janeiro (Gb)

INFORMAÇÕES:

**RUA REAL GRANDEZA, 108 — RIO DE JANEIRO (Gb)**

# VIDA DO INSTITUTO PIO X

## EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM NOSSOS COLÉGIOS E EM NOSSAS COMUNIDADES RELIGIOSAS

(*À margem da Crônica da 19.ª Semana Gregoriana*)

À medida que o Canto Gregoriano progride, vai se tornando cada vez mais premente a necessidade de procurar meios didáticos apropriados para facilitar sua aprendizagem por parte das alunas dos nossos Colégios. Foi isso que, durante a 19.ª Semana Gregoriana realizada em S. Paulo, sugeriu a idéia de um encontro para uma troca de experiências.

Por ser maior o número de educadoras presentes à "Semana", a reunião foi exclusivamente para o grupo feminino.

"Experiências vividas em nossos colégios, em nossas Comunidades", foi assim intitulada a nossa reunião, deixando desde logo entrever o que se pretendia com ela: mostrar algo já realizado para estímulo de quem se dispõe a começar.

Iniciando a reunião, Irmã Maria Lina chamou a atenção para a importância da maneira como devem ser convidadas as meninas: êsse convite deve, desde logo, criar um clima favorável à realização do nosso apostolado gregoriano. Em seguida, Irmã Maria Lina mostrou como ensinaria às meninas o Kyrie V, numa aula prática, vivida.

A seguir, Irmã Maria Philomena, também professora da "Semana", apresentou em outra aula prática, o Agnus II "ad libitum" e acrescentou algumas observações sôbre:

— como cativar as meninas;
— como obter da parte delas um compromisso de trabalho, comparecimento e pontualidade;
— como anunciar um programa e despertar o interêsse para o mesmo;
— não perder de vista a parte da formação cristã;
— como lidar com internas, externas, juvenistas etc.

Tomando novamente a palavra, Irmã Maria Lina deu algumas sugestões sôbre a maneira de iniciar o trabalho com uma Comunidade ou Noviciado, sôbre a organização de um Côro, acrescentando um programa de peças fáceis que poderiam servir como um pequeno primeiro repertório para iniciantes. Depois de breves comentários sôbre:

Missas rezadas,
Missas dialogadas
Missas com partes cantadas e
Missas cantadas,

foi pedida a colaboração das presentes que já tivessem alguma experiência no ensino do Canto Gregoriano. Falou-nos a Irmã Maria José Clímaco Ferreira, religiosa Salesiana, mostrando como tem conseguido despertar o interêsse das alunas do Colégio Santa Inês, na Capital de São Paulo, em favor do canto sagrado.

Por falta de tempo, deixaram de ser ouvidas outras experiências.

Êste encontro foi apenas um esbôço do que desejaríamos apresentar, pretendendo fazê-lo futuramente, de maneira mais sistemática, sob o título de "Didática do Canto Gregoriano".

M.L.M.P

# DOM BASÍLIO PENIDO O. S. B.

## ABADE COADJUTOR DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

O Instituto Pio X e a REVISTA GREGORIANA exprimem aqui seu júbilo e congratulações pela nomeação de Dom Basílio Penido para Abade Coadjutor do venerável Mosteiro beneditino da histórica e tradicional Olinda, onde há cêrca de quatrocentos anos foi lançada a vida monástica no referido Mosteiro.

D. Basílio, monge por profissão, do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, aqui exerceu cargos importantes, como o de Reitor do Colégio de S. Bento e ùltimamente o de Prior. Grande entusiasta do canto gregoriano que executa com especial ardor e dotes musicais, é o novo Abade de Olinda um amigo, incentivador e colaborador do movimento gregoriano no Brasil, representado pelo nosso Instituto Pio X. Várias vêzes foi êle o celebrante de nossa missa cantada em honra de S. Pio X, e nessa qualidade, transmitia em suas homilias um incentivo forte e religioso ao trabalho do Instituto, ao divulgar o louvor divino com beleza e interioridade. Colaborador de nossa REVISTA GREGORIANA, é lembrado de nossos leitores por seu ainda recente e apreciado artigo sôbre o "Diálogo das Carmelitas" (R. G. 45).

Por tudo isso, nos alegramos com o alto cargo recebido de Deus por D. Basílio Penido, cuja Bênção Abacial realizou-se em Olinda a 10 de Fevereiro passado, festa de Santa Escolástica. Fazemos votos que seu govêrno de Pastor de Monges seja fecundo e cheio de Bênçãos e estaremos então também certos que não faltará um forte impulso no sentido de um maior progresso na realização da música gregoriana e na difusão de seu espírito nas plagas olindenses.

Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) amigo e mestre de D. Basílio desde os tempos de trinta anos atraz, dedicou ao novo D. Abade o seguinte artigo que pedimos vênia para transcrever do "Jornal do Brasil".

# UM BELO DESTINO

**TRISTÃO DE ATHAYDE**

*Dizem, de Recife, que é "a Moscou do Brasil". Dizem também que é "a cidade em que mais se peca".*

*Que a Veneza brasileira é uma cidade dos maiores contrastes, creio que ninguém pode negar. E por isso mesmo, a ser verdade o que se diz dos seus erros e dos seus pecados, também é verdade o que se pode dizer das suas virtudes e dos seus acertos. Ouvindo aquela frase do Padre Lebret sôbre a admirável capital do Nordeste, José Vieira Coelho, pernambucano de quatro costados, acrescentou: "Não sei se é ali que mais se peca. Só sei que é ali que mais se ama."*

*E realmente é uma efusão de Amor, por tôdas as grandes causas, sejam certas, sejam erradas, que vemos soprar por todo êsse mundo nordestino, para o qual tem hoje o Brasil voltados os seus olhares. E por isso é que, há dias, ao sabermos da designação do nôvo abade Coadjutor de Olinda, que recairá num dos mais inteligentes, dos mais fervorosos e dos mais capazes monges do nosso Mosteiro do Rio —* Dom Basílio Penido, *senti vivamente como uma vez mais acertara em cheio o Espírito Santo. E há menos dias ainda, ouvindo o jovem monge — jovem quase cinqüentão, mas que para mim é sempre o Zé Maria da Praça 15 — ao despedir-se da sua casa espiritual, onde fizera em 1942 o seu voto de estabilidade, compreendi realmente a eterna juventude do Cristo. Como então nos disse em sua fala, tanto na faixa do* caminho *(a formação doméstica), como na da* verdade *(a formação do Centro Dom Vidal e na AUC dos bons tempos da Praça* 15*), como em seguida na faixa da* vida *(desde que, em* 1935*, ingressou na vida monástica) — fêz jus o nosso Dom Basílio à legenda que agora adotou para seu escudo abacial:* nada antepor ao Cristo, *e no escudo as três Rosas douradas da Virgem sôbre o fundo rubro do sangue de Cristo. Essa entrega total foi sempre a marca dêsse menino cheio de fervor, que nunca fêz nada pela metade. Que sempre se devotou de corpo e alma a tudo o que desejava. E sempre desejou as coisas mais completas, mais perfeitas, mais difíceis. Filho de uma grande família, tinha tudo para ser mais um* play-boy *ou no mínimo mais um cidadão respeitável e eficiente, como nós outros... Um médico*

*ilustre, por exemplo, pois estudou 6 anos para o ser. Mas nada o satisfazia. Nem o vício pela metade, nem a virtude pela metade. Queria tudo.*

*Tudo ou nada. Optou por tudo. E não sossegou enquanto não passou de doutor a monge. E já agora, levado mesmo contra vontade, para outros ares e outros meios, longe das pedras ilustres que ouviram seus primeiros anseios. Pois foi o primeiro dos nossos jovens vitalistas a dar o grande passo. E com isso levando consigo essa turma admirável que em tantos campos diversos —, o da vida episcopal* (Dom Clemente), *o da vida poética* (Dom Marcos), *o da vida pedagógica* (Dom Lourenço), *o da vida filosófica* (Dom Irineu), *o da vida espiritual* (*Dom Timóteo*), *o da vida litúrgica.* (*D. João Evangelista*), et J'en passe, *vieram dar à vida monástica brasileira um nôvo surto, tão adequado à vida de dinanismo e fermentação que caracteriza os nossos tempos.*

*Dom Basílio Penido vai para Olinda. Vai rejuvenescer o velho mosteiro, onde nasceu o ensino do Direito no Brasil e onde a visão do oceano, que tenta romper pelas ondas furiosas, a base da velha colina inspirada, é também a visão da universalidade, da paz, da firmeza sobrenatural que lá de cima se descortina, quando a viração perene canta na fôlha dos coqueiros, que cobrem a encosta macia da velha casa de Deus.*

*É com saudade que vemos partir êsse companheiro de tantas lides. Com saudade de suas tropelias no velho casarão da Praça 15. Mas com saudade também da amizade e da confiança, que êle sabia despertar em seus alunos, quando professor e reitor do Ginásio... Com saudade dos admiráveis retiros que nos pregava nessas salas veneráveis, na Semana Santa. Com saudade de sua direção espiritual para tantas almas. Com saudade até daquelas notas agudas da sua voz, do seu riso claro e cantante, que vai agora revoar, entre as gaivotas e os coqueiros, ao vento largo de Olinda. Com saudades sim, mas com a alegria de ver cumprido ou cumprindo-se largamente um destino, que cai concorrer já agora para os destinos dessa encruzilhada do Brasil de amanhã, que é a predestinada Capital do Nordeste.*

# Crônicas Radiofônicas

## ANO NOVO

—

Ano velho e ano nôvo! Como o mundo recebe um ano nôvo? Como recebe o ano nôvo de 1962? Sabemo-lo bem como é em nossa Sociedade Ocidental, com suas mediocridades, seu incansável esvaziamento das reálidades mais ricas, sua capacidade prodigiosa de fazer bôlhas dos princípios mais fecundos; mas, também, com seu encanto, sua poesia, sua vocação à santidade que brota do pântano, principalmente com seu tesouro inapreciável de liberdade; a santa liberdade de poder ser o que é, a liberdade de ser bom, de querer ser bom, de querer cantar e louvar a Deus.

Quando pensamos nos que gemem sob a opressão, como ali mesmo em Cuba ou um pouco mais longe na Hungria, por exemplo, onde não se pode falar em Natal mas na festa do Pinheiro!... E quando consideramos que essa gente tôda tem a desolada esperança de que pensemos nela, de que rezemos por ela, nós, os ocidentais, que ainda sabemos rezar e temos a liberdade de dobrarmos os joelhos e rezar sem sermos acusados por nossos filhos e irmãos, nós, mal sabemos o que possuimos e a responsabilidade do que possuimos. Para todos aquêles povos, *Deus está atrasado,* conforme o título do romance recentemente aparecido de Christine Arnothy, "Dieu est en retard" onde nos é descrita a vida de uma família sob o atual regime de Govêrno popular na Hungria.

Deus está atrasado porque está sempre vindo e está sempre para vir, até um dia... Até um dia de plenitude de visão. Enquanto isso não se der, Deus estará atrasado, como cantavam os Antigos cristãos as palavras do Apocalipse: Vinde Senhor Jesus: Maran atha!

Como ainda cantam tantas antífonas do Advento: "Se êle tardar, esperem-no, pois, está vindo, vindo"... quem tarda é porque vem.

Esta a única espera de Deus que vale a pena esperar e para a qual não há atraso que desespere, pois, o próprio atraso é previsto. Se parece, às vêzes, haver atraso é porque não estamos bem lembrados do horário de Deus.

O atraso de Deus tem para nós o sabor misterioso, o doce e suave sabor de podermos gozar mais um pouco de tréguas, enquanto esta vida é tempo de tréguas para um grande encontro. As noivas em geral se atrasam; porque se preparam para um grande encontro. Ninguém mais do que elas quer o encontro, quer chegar a tempo. Deus se atrasa para nos dar tempo de nos fazermos mais belos para o encontro. É por causa do atraso de Deus que começamos mais um nôvo ano, mais um feliz ano nôvo.

Às vêzes achamos que Deus está atrasado e sofremos com êsse atraso, simplesmente porque o procuramos e o esperamos onde Êle não está, nem pode estar para nós, esquecemo-nos do lugar do encontro marcado, ou melhor, fazemos questão de ignorar de não querer saber o verdadeiro lugar dêsse encontro. Escolhemos o lugar do encontro, como se dependesse apenas de nós escolhê-lo.

É essa um pouco a situação dos personagens do romance a que nos referimos. A ânsia de defender no nôvo regime uma situação possuída no antigo faz com que todos os meios sejam bons, tôdas as indignidades viáveis. Quando afinal tudo falha, o maquiavelismo é duramente punido, sente-se que a existência é substancialmente uma espera; há a sensação metafísica do atraso de um Ser que parece ser Deus. A jovem mãe acha que Deus está atrasado, e que seu noivo raptado irrevogàvelmente pelo govêrno, voltará para junto dela e da criança que vai nascer. Uma parte da família, totalmente espoliada e tendo seus membros visceralmente incompatibilizados entre si por causa do jôgo do vale tudo da inútil bajulação ao govêrno, está jogada num mísero quarto de terra batida, transformado em sala de espera. Sala de espera, na madrugada, onde os sêres adormecem sôbre bancos de madeira, esperando uma eternidade por um trem, sem perceberem que, fora, o capim já nasceu entre os trilhos, roídos pela ferrugem.

Deus está atrasado naquela estação que não é sua. Êle espera que os homens o encontrem onde o encontro foi marcado, à beira da mangedoura, aos pés de uma cruz, dentro de um coração aberto por uma lança.

O lugar dêsse encontro está sempre ao nosso alcance. Dos que o encontraram verdadeiramente, diz o salmista; viram todos os confins da terra a salvação.

É algo dêsse autêntico encontro com o Deus — homem e menino que comemoramos nêste tempo da Epifania.

(Irradiado a 30 de dezembro de 1961)

# EPIFANIA

Em nosso último programa, dedicamos uma boa parte de nosso tempo às peças gregorianas que compõem a festa da Epifania. Já um pouco fora de tempo o fizemos, pois a festa foi no dia 6, como todos sabem.

Não quisemos, porém, deixar de considerar aquêles belos textos, de tanta significação, independentemente do seu lugar no tempo litúrgico. Eis que agora pedem um esclarecimento sôbre a significação de Epifania. Assim, permaneceremos no tema, ainda que cada vez mais distantes da data da festa. Os temas essenciais são permanentes e eternos; as datas, uma ocasião, uma ótima ocasião para os focalizarmos. Se passam as datas, que fiquem as realidades.

Nem sempre temos uma idéia clara a respeito do que há de histórico, do que há de acréscimo por aplicação dos textos proféticos e o que há de tradição litúrgica e popular nesta festa, chamada de "Reis" cuja significação e denominação clássica é Epifania.

Que é Epifania? — É uma palavra grega que significa aproximadamente "manifestação", um "dar-se a conhecer", um sair da obscuridade e brilhar em sua verdadeira luz. Deus ao descer à tenda dos homens, cobriu com a carne e com o ser humano o fulgor de sua natureza divina. Êle nasce como uma criança, com tôdas as limitações e necessidades de um récem-nascido. Como não se expandiram as piedosas canções populares sôbre essas angústias do nascimento do menino? Ocorrem-me especialmente as canções catalãs que falam do menino, pobrezinho, pobret, pobret, nuzinho, nuet, nuet, meio morto de frio, por falta de abrigo. O próprio Evangelho não se esquece de nos contar que foi o menino envôlto em panos, exprimindo todo o realismo de sua natureza bem humana e indigente.

É diante daquela mangedoura, naquela gruta que abrigava os que não encontravam abrigo nas hospedarias, que se vêm prostar homens do Oriente, que recebem um anúncio miraculoso daquele nascimento. O que isso significa senão que Deus, conservando a humildade mais completa das circunstâncias de sua vinda ao mundo, não quer deixar de revelá-la aos homens de boa vontade, quer que ela já se "manifeste" já desde o início, como a presença de um grande Rei, de um Senhor, de um Deus, quer uma Epifania de seu Filho, diante dos homens da terra. O documento histórico que nos dá conhecimento dêsse fato é o trecho do Capítulo 2.º do Evangelho escrito por S. Mateus: "Depois do nascimento de Jesus, em Belém da Judéia, sob o reino de Herodes, Magos do Oriente chegaram a Jerusalém dizendo: "Onde se encontra o rei dos Judeus que acaba de nascer?" Vimos sua estrêla no Oriente e viemos para adorá-LO. — É sob a forma de uma estrêla

que guia os passos dos que perscrutam os céus, que Deus quer tornar conhecida e luminosa a presença do Filho, na terra obscura. Continua o Evangelho: "A esta notícia, perturbou-se o rei Herodes, e tôda Jerusalém com êle. Reuniu os chefes dos sacerdotes e os escribas e consultou-os onde devia nascer o Cristo. Responderam-lhe: "Em Belém de Judá. Pois o profeta escreveu (trata-se de Miqueias, 5, 1) Tu Belém, terra de Judá, tu não és o menor lugarejo de Judá, pois de ti sairá um chefe, um pastor de Israel, meu povo." Herodes, então, reuniu secretamente os Magos e se informou da data exata em que tinham visto a estrêla. Disse-lhes que fôssem a Belém a acrescentou: Ide, informai-vos bem a respeito dessa criança, e tendo-a encontrado, dizei-mo, para que, também eu, vá adorá-la." A essas palavras, retomaram os Magos seu caminho e eis que a estrêla que viram no Oriente se deslocava diante dêles até o momento em que tinham visto a estrêla. Disse-lhes que fôssem a Belém e A presença da estrêla os encheu de alegria. Tendo entrado na casa, encontraram o Menino com Maria, sua Mãe; cairam de joelhos e o adoraram. Abrindo em seguida seus tesouros, ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra."

Receberam, em sonhos, a advertência de não voltarem a Herodes e assim por outro caminho voltaram às suas respectivas terras".

É esta história tão simples e tão conhecida, a que não falta uma certa ironia na astúcia da Providência em esconder a Herodes — e revelar aos Magos — o nascimento do Filho de Deus, é esta história que constitui o fundamento ao qual se vêem acrescentar tantas narrativas proféticas do Antigo Testamento que falam dos Reis de Tarses que vêm de muito longe para oferecer seus dons preciosos a um Rei de Israel. Todo êste conjunto de textos proféticos agrupados em tôrno da narrativa evangélica formam o quadro de temas litúrgicos da festa de Epifania. Queríamos focalizar em primeiro lugar algumas das peças litúrgicas que transcrevem apenas algumas das situações, narradas pelo Evangelho de S. Mateus, que acabamos de considerar, acrescentando-lhes, às vêzes, uma ou outra palavra de saboroso e espontâneo comentário, como acontece com a Antífona do Magnificat da festa: "Magi": "Os Magos, vendo a estrêla, disseram uns para os outros: Êste é o sinal de um grande Rei, vamos e o procuremos. Ofereçamos-lhe nossos presentes: ouro, incenso e mirra".

A melodia gregoriana orna com arte sóbria e expressiva êsse texto que parafraseia o Evangelho. Com leveza, é tratada a pequena Antífona "Apertis thesauris suis" que joga com o mesmo tema do oferecimento dos dons pelos Magos.

De gênero algo diverso é a Antífona "Stella ista" que, no 7.º modo, se compraz em descrever: "aquela estrêla é como uma flama coruscan-

te, indica o Deus, o Rei dos Reis. Os Magos a viram e ao grande Rei ofereceram seus dons."

Ainda sôbre o mesmo tema literário das Antífonas precedentes, salientaremos aqui a bela Antífona "Ab Oriente" no 8.º modo, que narrando o mesmo fato da vinda dos Magos do Oriente para adorarem, em Belém, o Senhor e oferecer-lhe seus preciosos presentes, inclui na enumeração dos mesmos a sua significação, segundo a antiquíssima interpretação dos comentadores dos textos sagrados. Assim, o ouro que é oferecido designa, no menino que o recebe, o grande Rei, pois o rei o mais precioso dos metais, convem à dignidade real; o incenso é oferecido, diz a Antífona, como ao verdadeiro Deus. Segundo a tradição do Antigo Testamento os turíbulos de ouro fumegavam no templo, queimando o incenso de louvor, símbolo das orações, das preces de todo o povo ao Deus de Israel. Ainda na Liturgia celeste, descrita pelo livro do Apocalipse é o incenso oferecido em louvor a Deus, como também na liturgia da Igreja, em que Deus, os objetos sagrados e as próprias pessoas são incensadas como sinal de pertencerem a Deus e de estarem incluídas no grande oferecimento de louvor a Deus.

A própria liturgia pagã, contemporânea do nascimento de Jesus, admitia, às vêzes, como único rito, o queimar alguns grãos de incenso a algum dos deuses pagãos. Os Mártires Cristãos muitas vêzes chegaram a merecer o martírio, simplesmente porque convidados a oferecer incenso aos deuses romanos, negaram-se a fazê-lo para não dar êsse sinal público de sujeição a um mito inexistente, quando um só Deus era digno do Incenso, que, já os magos do Oriente, inspirados e guiados pela Estrela do Senhor, ofereceram a Jesus, Filho de Deus. Em terceiro lugar, vem o presente mais misterioso: a mirra; e tanto mais misterioso quanto se faz acompanhar dos outros dois presentes: o ouro e o incenso que designam a realeza e a divindade. A mirra, resina de plantas de terebinto originárias da Arábia, designa a sepultura. Eram essas plantas, com efeito, de tal amargura, que os antigos as usavam junto aos cadáveres, para afastar os vermes e conservar os corpos. Como se poderá oferecer a alguém que se quer homenagear, honrar, e apenas ao nascer, a mirra, última companheira dos cadáveres? Que pode ter de comum a mirra das sepulturas com o ouro que é oferecido ao Rei, com o incenso que se eleva ao Deus, ali reclinado como récem-nascido? É que êsse rei reinará pela Cruz e conquistará para seu povo sua suprema vitória, a conquista da Vida sem fim, a Vitória sôbre a morte, exatamente pela morte. É que êsse Deus quis assumir um corpo e uma natureza de homem, precisamente para poder oferecer sua morte como sacrifício ao Pai, como resgate em favor de todos os homens. Por tudo isso, a mirra não falta, junto ao ouro e ao incenso junto à manjedoura de Belém,

como um testemunho inspirado e profético da identidade total: divina, real e mortal daquela criança que, ali reclinada, era uma Revelação de Salvação, era uma Epifania de Deus aos homens de tôdas as nações. É o que conta a Antífona "Ab Oriente".

A história que nos é narrada pelo Evangelho e que oferece temas tão ricos às Antífonas desta festa da Epifania, é também aproveitada em seu episódio mais curioso, a inveja do Rei Herodes, no primeiro verso do Hino, leve e eloquente ao mesmo tempo.

Hostis Herodes impie: Hostil Herodes, porque hás impiamente de temer a vingança do Cristo? Não arrebata as coisas pereciveis aquele que nos dá as celestes.

É êsse o permanente mistério que para o mundo se apresenta como paradoxo e contradição incompreensível; que Jesus, como Filho de Deus, seja um Rei com todo o poder e ao mesmo tempo não seja o concurrente, um vulgar adversário dos reis terrenos.

Herodes teme o concurrente, quer conhecê-lo, quer eliminá-lo já ao nascer, como tenta fazê-lo ao perpetrar a carnificina dos inocentes. Por isso, irônicamente pergunta nosso hino: porque tudo isso? quem traz para o mundo os tesouros celestes que são de grandeza e beleza infinitas, que são eternos, não se preocupará em roubar-te o mísero e perecível trono desta terra, mesmo porque onde houver poder êste pertencerá radicalmente e fontalmente ao Criador de tôdas as coisas. É isso o que profundamente irrita os tiranos de todos os tempos: é o não se sentirem os senhores, os donos absolutos do poder que possuem, pois por maior que seja o aparato de prestígio e de honras com que externamente se cercam, não há como não sentir a precaridade de um poder cuja fonte não é por êles dominada e que um dia, inexorávelmente lhes fugirá miserávelmente das mãos. É a miséria indisfarçável, é a pobreza substancial a dolorosa pobreza dos poderosos desta terra.

O segundo verso do hino apresenta, em contraposição, o verdadeiro reinar dos Magos que procuram a Deus, que seguem a estrela. Iam os Magos seguindo a estrela que viram diante de si. Nessa luz, procuram a Luz, com seus dons proclamam o Deus que têm diante de sí.

"Gloria a ti, Senhor, que hoje apareceste," assim terminam os hinos dêste tempo pondo em destaque a manifestação, a Epifania do Cristo como Deus, como um aparecer que de fato só é visível aos olhos da fé, de vez que os olhos da carne sofrerão sempre a terrível tentação de não ver senão os véus que cobrem uma vigorosa e indisfarçável realidade. É por causa do reino celestial, manifestado, aparente na fé em Cristo, Filho de Deus que, não so os magos adoraram, mas também os mártires de todos os tempos doaram seus presentes

preciosos sintetisados no seu próprio sangue, em sua própria vida. Assim S. Sebastião que celebramos hoje e especialmente celebramos como padroeiro d nossa Cidade do Rio de Janeiro, confessa com o Sangue o Reinado do Cristo que se manifestou a êle na Fé. Um novo Herodes, um rei romano, não suportou que o seu soldado fôsse súbdito de um rei das coisas celestes. Martirisando-o, matando-o em 303 fêz com que sua adoração fôsse mais perfeita e fôsse êle, soldado, reinar com seu Rei no esplendor de uma mesma e eterna coroa.

S. Sebastião cujas relíquias salvaram Roma da peste em 680, não permitirá que outras pestes, talvez mais sutís e mais malignas que aquela que atingia os corpos, avassalem a cidade que o tem como Padroeiro.

(Irradiado a 20 de Janeiro de 1962)

## ANO LITÚRGICO

Em um dos nossos programas anteriores dizíamos que o ano litúrgico ciclo das celebrações litúrgicas durante um ano não coincide com o ano civil que começa a primeiro de Janeiro e termina a 31 de Dezembro, de vez que aquêle começa com o 1º domingo do Advento que em geral coincide com um dos primeiros dias de Dezembro, variando de ano para ano. Um de nossos ouvintes pediu-me esclarecimentos maiores sôbre a significação de Ano litúrgico, razão porque procuraremos desenvolver hoje êste tema que suscita tantas outras questões interessantes.

O Ano litúrgico é a distribuição sistemática, durante o período de um ano, dos grandes momentos da vida e da obra redentora de Jesus Cristo sob a forma de dias festivos e de tempos, compostos de muitos dias, que se ligam àquelas festas. Seria assim o ano litúrgico como uma espécie de alta pedagogia evangélica: a substância do Evangelho distribuída pelas épocas do ano para ser, sistemáticamente rememorada pelos fiéis na sua participação do culto. Seria ainda um processo psicológico destinado a nos fazer meditar sucessivamente sôbre tôdas as fases, sôbre os acontecimentos fundamentais da vida e da morte de Nosso Senhor em sua missão salvadora da humanidade. Seria pois uma sistematização das leituras da Sagrada Escritura, dos cantos, dos ritos e das orações de acôrdo com aquelas diversas fases da vida e da obra do Cristo, de modo a nos fazer penetrar, cada ano, mais profundamente na significação da Palavra de Deus e compreender melhor a revelação divina manifestada a todos os homens pelo Filho de Deus. Além de todo esse aspecto pedagógico e psicológico que nos dispõe a sentir as alegrias de Natal em determinada época, as

penitências quaresmais depois do Carnaval, o ambiente de luto e de conpunção na Semana Santa seguida dos júbilos de Páscoa, e assim por diante, além de tudo isso está um fato misterioso, sobrenatural, mas extremamente real, é que todo êsse revestimento das grandes fases que são celebradas no Ano litúrgico envolve um núcleo fundamental que é o Sacrifício da Missa, Sacrifício da Cruz e presença do Cristo eterno entre nós, de modo que, à medida que nosso pensamento é atraído por um determinado mistério celebrado, Pentecostes, por exemplo, a vinda do Espírito Santo, o Cristo eterno e presente que nos toca realmente com sua atuação salvadora e vivificadora nos infundirá naquele dia as graças de um novo Pentecostes.

Assim, o que é celebrado inclui a comemoração de um fato histórico que foi realizado definitivamente, uma vez por tôdas e nunca poderá ser recomeçado, sendo que o centro e o cume dêsse conjunto de fatos históricos é a Cruz. Mas êsse ciclo de fatos que incluem não a obra de um homem, de um herói, de um Napoleão, de um Lincoln ou de um Staline mas a vida e a obra de Jesus-Cristo, homem e Deus, Salvador e Redentor nosso, Eterno e Vivo no mundo que Êle continua a salvar através de seu Corpo, a Igreja, êsse ciclo de fatos históricos, compreende-se, trouxe à existência, para a humanidade e para o mundo inteiro, uma realidade que deve dilatar todos os tempos, marcar todos os momentos como a presença de Deus fazendo-se tudo em todos.

O ano litúrgico estende, pela fôrça do Sacramento, a tôdas as fases e dias do nosso ano de 1962, como já o fêz com o de 1961 e com todos os outros, a fôrça santificadora das diversas fases da salvação do Cristo que tem o centro na Cruz e na ressurreição, quando participamos das celebrações litúrgicas.

Cada ano novo recebemos nossas folhihas, calendários, agendas e vamos ver quando é o Carnaval, 4ª feira de Cinzas, quando é a Semana Santa, Páscoa, Ascensão, Pentencostes, Corpo de Deus. São os mistérios da Salvação que se encarnam num novo ano para nos transmitir as Graças da Redenção em seus diversos momentos e na sua unidade substancial: Cristo vivendo realmente em seu Corpo Místico a Igreja e vivendo em cada um dos fiéis que o recebe em sua morada interior.

A litúrgia anuncia cada ano, no canto do tradicional "Noveritis" as datas das chamadas festas móveis do Ano litúrgico que se inicia. Diz o seguinte:

"Ficareis sabendo, irmãos caríssimos, que com a anuência da misericórdia divina, como nos alegramos com o Natal de N.S., Jesus Cristo, assim vos anunciamos o gáudio da Ressurreição do mesmo Salvador Nosso. De fato a Ressurreição é o centro do Ano porque é a

vitória sôbre a morte e sôbre o tempo: aquele novo ano que é afinal algo de temporal e, como tal, portador da morte, início de um fim; em Jesus Cristo, Alfa e Omega, Eterno e Vencedor da morte, aquele Ano novo nos será portador da vida e da Ressurreição de Cristo em nós que nos tornamos com Êle e n'Êle imortais e eternos herdeiros de seu Reino.

(Irradiado a 27 de Janeiro de 1962)

## O ANO LITÚRGICO E OS SANTOS

Os últimos domingos como ainda o de amanhã são os chamados domingos móveis depois da Epifania que usam o mesmo formulário de missas, exceto as Orações, a Epístola e o Evangelho, e que completam os domingos que ficam vagos quando, como acontece êste ano, a celebração de Páscoa é tardia, a 22 de abril, como nos lembramos do solene anuncio das festas móveis do ano. No canto de entrada, chamado do Introito, repete-se nêsses domingos um trecho do salmo 96 que escrito na volta do exílio, canta o reino universal de Deus. Não nos esquecemos que estamos no tempo da Epifania, que salienta a manifestação de Jesus como Rei e Senhor universal. O salmo anuncia a tôdas as nações o dia de Javé, aquele em que no brilho de sua glória reunirá todos os povos junto ao povo de Israel. Deus então será adorado, ao mesmo tempo pelos anjos e pelos povos como se diz no texto que é um convite à plenitude dos tempos: *Adorate* Deum omnes angeli eius. Adorai ao Senhor anjos do céu. O povo de Deus ouve sua palavra e se rejubila, exultaram as cidades e as vilas de Judá à sua passagem. É êste o texto literário inspirado que a melodia gregoriana orna com simplicidade e com profundo senso de veneração e alegria.

Em um de nossos últimos programas falamos, a pedido de um ouvinte, a respeito do Ano litúrgico, ciclo das celebrações dos mistérios do Cristo, Salvador e Redentor, no período de um Ano.

Queríamos hoje, voltando ao assunto, acrescentar um outro aspeto que teve de ficar na penumbra quando tratamos do assunto.

Trata-se de um outro aspecto que corre paralelo com aquele no perpassar de um ano.

É o comemorar, o recordar, o reviver do Cristo naqueles que o seguiram da maneira mais perfeita, e que agora intercedem por nós junto ao trono do Altíssimo e servem para nós de modelo de perfeição, de doação, de renúncia de si mesmos no abraçar a Cruz do Cristo, no segui-lo totalmente, sem olhar para trás.

São os Santos, de todos os tempos, de tôdas as culturas, de todos os quadrantes, de tôdas as idades e condições, criaturas humanas como nós para os quais a mensagem e a semente de vida divina trazida por Jesus foram sumamente fecundas. Nós os celebramos no decorrer de um ano, no chamado ciclo Santoral que se sobrepõe, ou se interpenetra com o outro, o ciclo dos Mistérios do Cristo em si mesmo. Sôbre êsse ciclo Santoral a mesma encíclica de Pio XII a Mediator DEI que citamos amplamente em outra ocasião tem também palavras decisivas e repassadas de grande eloqüência e beleza, ainda que breves.

É o próprio Cristo Jesus o núcleo santificador dêsse ciclo Santoral. Quem d'Êle estiver mais perto necessàriamente ocupará o centro e a culminância dêsse ciclo, já aí vemos a posição privilegiada de Maria, Mãe de Cristo, Rainha dos Anjos, Rainha de Todos os Santos. Suas festas espalhadas pelo Ano são uma fonte de suavidade e de fecundidade na aridês da caminhada, são as rosas mais perfumadas de um jardim variadíssimo, "circumdata varietate".

Ainda há pouco festejamos a festa da Purificação de Maria, festa da Luz e das Candeias, ou Candelária. O tema da Luz que se introduz e, de certo modo, toma conta da ideologia dessa festa deve sua razão de ser às palavras do velho Simeão que recebe em seus braços o menino que é apresentado no templo e proféticamente o reconhece como a luz que arrancará a humanidade das trevas. Para compreendermos a complexidade dos temas dessa festa, só a leitura do próprio Evangelho será esclarecedora; necessária e suficiente. Diz-nos S. Lucas no capítulo 2º de seu Evangelho que "tendo passado os 40 dias prescritos pela lei de Moisés para a purificação, Maria e José levaram o menino Jesus a Jerusalem para apresentá-lo a Deus conforme está escrito na Lei — "Todo primogênito será consagrado ao Senhor" e para oferecer em Sacrifício, conforme a mesma lei, um par de rolinhas ou dois pombos ainda novinhos." É inspirada por essa cena que nos narra o Evangelho, que a Liturgia concebeu os cantos que ornam a procissão das candeias que se faz nessa festa de 2 de fevereiro: "Adorna thalamum tuum Sion et suscipe Regem Christum" é um dêsses solenes responsos:

"Povo eleito, Sion, ornamenta o Templo como um tálamo nupcial e recebe o Cristo- Rei. Acolhe Maria com afeto, ela é a porta do céu, ela carrega em seus braços o Rei da glória, a nova luz do mundo. Está de pé a Virgem trazendo nos braços o Filho gerado antes da aurora. Simeão o aconchegava em seu peito e anuncia aos povos que é Êle, Jesus, o Senhor da vida e da Morte, o Salvador da humanidade."

Prossegue S. Lucas: Havia em Jerusalem um homem chamado Simeão que observava a lei do Senhor com exatidão e fervor e que vivia na Esperança da vinda da Consolação de Israel. O Espírito Santo repousava sôbre êle, tinha-lhe sido mesmo revelado pelo Espírito Santo que não seria atingido pela morte antes de ter contemplado o Messias do Senhor. Veio ao Templo conduzido pelo Espírito, no momento em que Maria e José levando o menino Jesus, vinham cumprir o que a Lei lhes prescrevia. Recebeu Simeão o menino em seus braços e rendeu graças a Deus, dizendo:

"Podeis, agora Mestre soberano
deixar partir em paz o vosso servo,
segundo a vossa palavra.
Pois meus olhos viram a Salvação
que preparais diante de todos os povos.
Luz para iluminar as nações e Glória para Israel vosso povo."

É o cântico de Simeão, o "Nunc dimittis" que o Ofício Romano canta diàriamente como oração da noite na hora de Completas.

Canta-se na festa da Purificação com a Antífona "Lumen ad revelationem gentium."

Com a festa da Purificação muda-se a saudação de cada dia no Ofício Noturno, passa-se a cantar a *Ave Regina caelorum,* breve e simples em sua sóbria beleza.

(Irradiado a 3 de Fevereiro de 1962)

## SANTA ESCOLÁSTICA

*(trecho de Crônica)*

O dia de hoje lembra-nos algo de mais puro, de mais cristalino, de mais inocente — de mais santo.

Ouve, Filha, e vem — hoje é dia de uma Santa, de Santa Escolástica, irmã de S. Bento — festa da Irmã, simples como a pomba, que mais obteve de Deus porque mais amou. É com efeito, S. Gregório Magno, o grande Papa e escritor do fim do 6º século, biógrafo de S. Bento, o Legislador dos Monges e Pai da Europa cristã quem nos conta o episódio que tornou conhecida até hoje a irmã de Bento.

Escolástica, consagrada a Deus desde a infância costumava, uma vez por ano, visitar seu irmão, encontrando-se com êle em uma propriedade do Mosteiro de Monte Cassino, não longe dos respectivos mosteiros de um e de outro. Em um dêsses encontros, que seria o último dêles, depois de terem passado o dia louvando a Deus e em

santos colóquios, chegando a noite, aprontou-se Bento para retirar-se para seu Mosteiro, quando a irmã lhe propõe algo de excepcional: passarem ali tôda noite, em vigília, falando sôbre Deus, até o amanhecer. S. Bento negou imediatamente a êsse pedido como algo de reprovável, já que não se permitiria passar a noite fora do Mosteiro. Escolástica parecendo admitir a negativa, cobriu a face com as mãos, dedos trançados, e deixando cair a cabeça sôbre a mesa, misturou a oração às lágrimas. No mesmo instante o céu todo azul é avassalado de nuvens e trovões com raios que se precipitam em violenta tempestade. Levantando a cabeça, diz Escolástica, quase zombando, ao severo irmão: Agora podes ir. Que fizeste irmã? Reprova Bento.

— Eu te pedi e não me ouviste, pedi ao meu Senhor e Êle me ouviu, vai agora para o teu mosteiro, deixando-me aqui.

Era, porém, impossível sair. Ficou então S. Bento e saciaram-se até o dia seguinte com a palavra de Deus.

Dias depois, viu Bento de sua janela que descortinava larga vista, voar para o céu a alma da Irmã sob a forma de pomba. Avisa aos monges que fôssem buscar o corpo de Escolástica, êstes de fato a encontraram morta como disse o Santo, e a trouxeram para enterrá-la no túmulo que êle abrira para si. É o que se sabe de Escolástica, Mãe das monjas, padroeira das chuvas, expressão viva de que mais conseque de Deus, quem mais ama.

As pequenas antífonas das Laudes desta festa de Santa Escolástica, nos narram de modo lírico e encantador o episódio a que nos referimos. Na 1ª Antífona "Egredere modo frater" cantamos as palavras da irmã vitoriosa em seu intento.

"Vai, agora, irmão, vai se conseguires, e deixando-me aqui volta ao teu mosteiro."

A 2º é resposta à primeira com as palavras de Bento. "Parcat tibi soror." Que te perdoe o Senhor, Onipotente; irmã, que fizeste".

O diálogo continua com a 3º antífona: "Ecce te rogavi"; eu bem que te pedi, mas não me quizeste atender, roguei ao meu Senhor e Êle me ouviu".

A 4º Antífona "Loquamur nunc" completa o diálogo: "Falemos então até amanhã das coisas celestes pelos sagrados colóquios da vida espiritual." A última das Antífonas "Cum Sanctus Benedictus" é narrativa: "Quando S. Bento três dias depois, estava em sua cela de monge, levantando os olhos, viu a alma da irmã saindo do corpo sob a forma de pomba e penetrar os recônditos do céu."

Os hinos que compõem o atual repertório gregoriano devem sua origem à liturgia de Milão. A antiquissima liturgia romana tinha uma séria prevenção em admitir em seus quadros, constituídos quase totalmente dos salmos e dos livros inspirados do Antigo e Novo Tes-

tamento, um gênero o dos hinos — que pertencia à poesia pagã, ao classicismo latino. Em Milão, no decorrer do século 4º, com a ascensão à sé episcopal de um Ambrósio cuja formação humanista era marcadamente influenciada pelos autores clássicos latinos, introduziu-se na liturgia local o genêro hino, composto sôbre temas cristãos, tendo como um de seus principais autores o próprio Santo Ambrósio.

É assim que, quando os romanos aceitam os hinos em seu repertório litúrgico, chamam-nos de "Ambrosiano". Um dos mais belos e cantantes dêsses hinos que hoje pertencem ao repertório gregoriano é exatamente o dedicado a Santa Escolástica. Alguns de seus versos latinos são sonoros: "O potens virtus amoris" "O' poderosa fôrça do amor. O' honra da vitória. Enquanto obrigas, com as lágrimas que correm, as chuvas a cairem, recebes as palavras do céu pela bôca de Nosso Pai S. Bento.

Afasta, agora, com bondade, as nuvens do coração dos fiéis, para que resplandecente com serena fronte, o sol da luz perene, encha-nos com as alegrias de uma eterna claridade."

(Irradiado a 10 de Fevereiro de 1962)

## SEXAGÉSIMA

Abre-se o Domingo de amanhã com um dos mais expressivos Introitos do repertório gregoriano. Trata-se do Introito "Exsurge" cujas palavras são tomadas ao salmo 43, composto em uma época em que os exércitos de Israel conheceram revezes, e os Judeus, recordando-se dos favores que em outras ocasiões receberam de Deus, resolvem apelar para Êle, fazendo-o com veemência. As palavras são fortes, usando com audácia de um antropomorfismo em que Deus é convidado a despertar; Levantai Senhor, por que dormis? Despertai e não tardai em nos resgatar. Por que voltar para outro lado a vossa face? Esquecestes-vos de nossa miséria? — E aqui não é menos audaciosa e realista e descrição da própria tripulação: Estamos prostados, o ventre por terra. Levantai-vos, Senhor, vinde em nosso auxílio e libertai-nos. A música gregoriana, que dá nova vida e impressionante fôrça a essas palavras sentidas do salmista, nada tem do humilde e suplicante estilo peculiar aos Introitos de 1º modo, nem mesmo se apresenta com aquela discreção de meias tintas do canto tradicional. O canto aqui chega a ser — como as próprias palavras que a êle se ajustam com admirável perfeição — chega a ser duro, é direto e atinge por assim dizer ao dramatismo, principalmente no último "Exsurge, Domine" que aproveitando-se do canto silábico, ecôa no contexto e sobressai, quase como um grito. Isso, depois de a me-

lodia ter descrito, de modo sugestivo, com suas curvas para o grave, a prostação de tôda a humanidade por terra na consideração de sua verdadeira condição terrena.

Já tivemos ocasião de dizer que o presente tempo litúrgico é um tempo de penitência — tempo de paramentos rôxos e sem aleluia, sem canto do Glória, porque depois de nos ter mostrado a face divina resplandecente nas maravilhas operadas pelo Filho de Deus, quer agora a Liturgia que nos concentremos sôbre a realidade de nossa própria condição humana, vendo-a no quadro de miséria, de angústia e de desolação que cerca, de todos os lados, como o ar que respiram os filhos dos homens em sua tramitação terrena.

Uma das situações mais expressivas dessa realidade, situação freqüentíssima, de cada dia, de cada hora, e quão absurdo e inconcebível simplesmente o enunciá-lo, é a fôrça e a grandeza dos obstáculos que se interpõem entre o homem e Deus, entre a Criatura e o seu Criador, que a quer chamar para uma vida ainda mais alta que a de simples criatura, para a vida de filiação divina.

Como é terrívelmente solicitado o homem a que não se encontre com Deus! E pode haver sinal mais expressivo da condição limitada, da espessura das trevas que envolvem o ser humano peregrinante nêste vale onde habitam as sombras da morte? O homem impedido de se encontrar com Deus.

Quem nos descreve tudo isso com a meridiana simplicidade de quem pinta a singeleza de uma paisagem conhecida é Jesus em uma parábola dirigida à imensa aglomeração de gente, vinda de cidades diversas e que o cerca, conforme a narrativa de S. Lucas: "Saiu o semeador a lançar suas sementes. Enquanto semeava, uma parte dos grãos caiu à margem do caminho. Foi pisada pelos passantes ou recolhida pelos pássaros do céu. Outra parte caiu justo sôbre a pedra, apenas nasceu, morreu logo por falta de humidade. Outra parte caiu sôbre os espinhos e êstes crescendo, sufocaram a planta. Outra parte caiu em boa terra, desenvolveu-se a plantação e deu cem por um. E exclamou Jesus: "quem tem ouvidos que ouça".

Mas os discipulos ainda pedem que explique e Jesus termina por dar o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus. A margem do caminho exprime aqueles que ouvem, mas vem o demônio e arranca a palavra de seus corações para os impedir de crer e de serem salvos. A pedra exprime aqueles que acolhem com alegria a palavra, mas não tendo profundidade para que ela se enraize, acreditam só por algum tempo, à primeira dificuldade se desviam.

O terreno cheio de espinhos designa aqueles que tendo ouvido a palavra, deixam que seja abafada pelas preocupações desta vida, pelo dinheiro e pelos prazeres, de modo que a semente não pode dar fruto.

A boa terra enfim significa aqueles que ouvem a palavra e a guardam em um coração reto e generoso — "bono et optimo" — e produzem fruto graças à perseverança (fructum afferunt in patientia.)

Não há o que explicar neste Evangelho, exclamam os comentadores; é tudo claro, só há matéria para advertência, e admoestação. Rejubila-se irônico S. Gregório Magno por ter Jesus dado, êle mesmo, o sentido da parábola, senão, quem ousará dizer ou quem seria acreditado ao dizer que a doçura da riqueza e a suavizante fôrça do dinheiro fôssem os espinhos que abalam e aniquilam a vida da palavra de Deus. Jesus o disse, e feliz de quem foi chamado a constatá-lo em tôda a sua crueza e crueldade, não se deixando enganar pela falaz doçura das coisas terrenas.

O lirismo da Liturgia se compraz em cantar no Domingo e nos dias da Semana trechos do Evangelho musicado em pequenas Antífonas.

(Irradiado a 24 de Fevereiro de 1962)

"VOZES HUMANAS À PROCURA DE DEUS"

Comentários litúrgicos. Crônicas sôbre fatos atuais. Canto gregoriano.

Na palavra de

Dom João Evangelista Enout O. S. B.

Rádio Ministério da Educação
Todos os Sábados às 13.30

# A ARTE DE SE CONFESSAR

Estas linhas não se dirigem aos "grandes pecadores" que vêm se despojar aos pés do Cristo de um pesado fardo. E nem mesmo aos católicos que se limitam à comunhão pascoal. Mas talvez possam ser úteis às pessoas que têm o "hábito" de confessar-se semanalmente, ou de quinze em quinze dias, ou todo mês.

O "hábito": palavra sem côr, se designa simplesmente uma louvável regularidade; palavra tristemente cinzenta, se designa uma rotina. A maioria das pessoas se aflige com a miserável banalidade das suas confissões, com o pouco fruto que delas retiram, e até mesmo com o pouco interês-

se da exortação que o confessor lhes dirige. Muitos perdem o gôsto pela confissão, passam a se confessar apenas por costume, ou então espaçam demasiado o recurso ao sacramento da Penitência, com prejuízo de sua vida espiritual.

Esta perda de gôsto pela confissão (e as conseqüências que acarreta), não virá do fato de não saberem se confessar? Há um modo, uma "arte" de se confessar, que tornaria êsse exercício regular um importante meio de santificação. Escrevendo estas linhas, pensamos sobretudo nesses inúmeros jovens — jovens de ação católica, jovens de movimento familiar — que procuram viver um cristianismo verdadeiro, num generoso esfôrço de sinceridade. Não deformados ainda pelo "hábito", sofrem a qualquer ameaça de esclerose, odeiam a rotina e repelem as formalidades. E têm razão. Mas é preciso que saibam que o formalismo decorre do máu uso que fazemos das coisas, e que depende dêles conservar intacta sua vitalidade religiosa ou deixá-la estiolar-se por falta de esfôrço pessoal.

Os ritos são portadores de vida, mas só para os vivos.

O uso da confissão, se ela é bem compreendida, pode ser um importante apôio para o desenvolvimento da vida espiritual.

A primeira coisa a notar, uma vez que vamos falar da confissão e só da confissão, é que ela não constitue todo o sacramento da penitência, e nem é mesmo a sua parte principal. O sacramento da penitência comporta quatro coisas: um arrependimento, uma acusação, uma absolvição e uma reparação ou satisfação. Se o penitente na hora da morte, não pode se acusar (ou confessar), o sacramento dispensa a acusação (ou confissão), e basta absolvição para perdoá-lo; mas o arrependimento, êste nunca pode ser dispensado. Deus, por seu lado, pode dispensar o sacramento (na ausência de um padre que o possa dar); mas não pode salvar uma alma que não queira ser salva, perdoar um pecado de que ela se recuse obstinadamente a arrepender-se.

É preciso que se lembrem disso essas pessoas para quem o essencial parece ser a sua própria acusação. Quando o padre as exorta à contrição, sugere meios para não recaírem em suas faltas, ei-las que nem o escutam, preocupadas que estão em ir ao encalço de mais algum pecado que lhes tenha escapado. Se se tratasse de uma falta grave, seria normal que alguém não quisesse levantar do confessário antes de tê-la acusado; mas, em geral, trata-se apenas de faltas

leves. A pessoa se preocupa em ser exata; seria melhor preocupar-se antes em ser contrita.

E daí decorre uma conseqüência: nos breves instantes que em geral empregamos em nos preparar para a confissão, será melhor não nos entregarmos exclusivamente ao "exame de consciência", mas implorarmos a graça de Deus para obter um arrependimento sincero das faltas, exprimindo antecipadamente a nossa contrição e a intenção de não mais recair.

## I

## A QUEM ME DEVO CONFESSAR?

Primeira resposta: a um padre. Uso de propósito êsse têrmo geral para sublinhar que, no sacramento da penitência se deve dar mais importância, não às qualidades do homem que ouve a confissão, mas à sua qualidade de *ministro* do Cristo. É falta de fé apegarmo-nos demasiadamente ao valor humano do confessor, — valor real e objetivo, ou que a nossa simpatia e confiança lhe atribuem. Que tal valor deva ser tomado em consideração, não há dúvida alguma; mas isso de um ponto de vista que já está, por assim dizer, fora do sacramento. Êsse valor vai influir nos conselhos que seguem à acusação e precedem o perdão. Mas o sacramento não é constituído pelos conselhos, e pode mesmo pô-los de lado. O importante é estarmos em contacto com o Cristo que perdoa, com o Cristo que *vive* e age na sua Igreja. Todo sacerdote que recebe da Igreja o poder de perdoar age *in persona Christi*, em nome do Cristo. Êle abre para o pecador a fonte do perdão, que é o sangue redentor do Cristo, e o purifica e lava neste sangue.

Errônea, por falta de fé, a atitude daqueles que adiam livrar-se de um pecado mortal, ou retardam indefinidamente uma confissão que os tiraria de um crescente mau estar (purificando-os dos focos de infecção que se propagam), só porque o "seu confessor" está ausente. Se tivessem a compreensão do que é o sacramento — soberanamente eficaz na sua fôrça purificadora independentemente das qualidades do padre —, se compreendessem que o confessor é antes de tudo "ministro do Cristo", isto é, ouvido do Cristo para escutar a confissão, sabedoria do Cristo para julgar, bôca do Cristo para pronunciar o perdão, dariam menos importância às *aparências humanas* do confessor, e não adiariam indefinidamente a confissão .

Seria oportuno explicar agora porque devo acusar minhas faltas a um padre, em lugar de contentar-me com uma confissão diretamente a Deus, no íntimo do coração. Devo confessar-me a um padre porque eu sou um membro da Igreja.

Meu pecado ofendeu a *Deus* e destrui-me a *mim* próprio: foi uma falta contra o amor que eu devo a *aquêle que me criou,* e ao reto amor que devo também a êsse filho de Deus que me tornei pelo batismo. Mas o meu pecado atingiu também a *Igreja*, o Corpo místico. Como "tôda alma que se eleva, eleva o mundo", todo cristão que peca prejudica tama perfeição da comunidade cristã. O pecado mais escondido abre uma ferida nessa árvore de que sou como um ramo! Que eu me desprenda da árvore completamente pelo pecado mortal, ou apenas me separe um pouco pelo pecado leve, ela *tôda* sofre. Eu *dependo* da Igreja na minha vitalidade, porque Deus me confiou suas graças por meio da Igreja, corpo do Cristo; devo também depender da Igreja para sair do meu pecado. Nos primeiros séculos do cristianismo essa responsabilidade *diante da Igreja* era muito mais evidente, pois a acusação das faltas era feita em público, perante *tôda* a comunidade reunida. Embora essa disciplina tenha sido mitigada com o tempo, é sempre *perante a Igreja* que eu me acuso, *na pessoa* do padre que me escuta, como é da Igreja que eu recebo a reconciliação pelo ministério do padre que me absolve.

Eu me confesso ao padre porque êle é padre. Isso não me impede de escolher um padre humanamente capaz de compreender-me e aconselhar-me. Mesmo não se tratando de *direção* (nome aliás pouco feliz), — e que é algo de *mais geral,* e que mesmo aquêle que não tenha pecado necessita, pois trata-se de como progredir no bom caminho que talvez já se encontrou — mesmo no plano estritamente da *confissão,* dizíamos, é sem dúvida melhor para o progresso da alma que ela se dirija habitualmente ao mesmo confessor. No fim de certo tempo (admitindo que se tenha adotado, no modo de acusar, o que ainda vamos sugerir), no fim de certo tempo saberá o confessor com quem está lidando. Conhecerá as suas *tendências,* as suas fraquezas habituais. Mesmo que você tenha pouca coisa a dizer, êle sabe em que ponto deve insistir na sua exortação. Aos poucos você lhe foi revelando as dificuldades em que se debatia, a sua situação *particular*: êle já não corre o risco, como um extranho que não o entenda, de vir a perturbá-lo com alguma observação

fora de propósito. Num momento difícil de sua vida, êle poderá detê-lo à borda de um desfiladeiro perigoso. E a todo instante, será capaz de sugerir-lhe decisões oportunas, de sacudí-lo do torpor em que você possa cair.

Como escolher o confessor? Antes de tudo, que seja dotado de espírito reto e julgamento seguro. *Santo,* se fôr possível, é claro. Mas um padre *equilibrado* e *perspicaz* será sempre preferível a um outro de vida mais fervorosa, mas de julgamento menos ponderado. Não se esqueça de que se trata de um *conselheiro,* e quanto maior a sabedoria do conselheiro, tanto melhor o conselho. Mas trata-se também de um *animador,* e você deve desejá-lo um pouco *exigente*: um confessor bonachão que se contenta em embalar o penitente com palavras consoladoras ou despache com a absolvição e uma exortação genérica, corre o risco de deixá-lo estagnado no seu pecado ou nas suas graves imperfeições. Por isso, às vêzes, é preciso levarmos o confessor a essa exigência benfazeja, e aceitar humildemente seus convites a esforçar-nos. Você deve lembrar-se também que a *primeira* condição para que êle lhe possa ser útil é que você tenha confiança nêle. Você pode ter o melhor confessor da cidade: se lhe é impossível abrir-se com êle francamente, nada poderá fazer por você. Você deve escolher um confessor diante do qual não se veja paralisado e constrangido, mas que possa fàcilmente considerar como um pai: compreensivo, capaz de perceber sua situação e de se interessar por ela, aberto para as realidades da vida, seguro nos seus diagnósticos, e de firme bondade em seus conselhos.

Se não o encontrar, porém, não desespere por isso; vá a *qualquer* padre: êle tem graça de estado, e o Espírito Santo se servirá dêle, apezar de tudo, para o seu melhor proveito, se fôr dócil em ouvir.

Caso o encontre, não mude fàcilmente de confessor. Embora você permaneça inteiramente livre de fazer outra escolha, não se deixe perturbar por certas impressões, e muito menos por certos estremecimentos de amor-próprio ou certas exigências. Persevere, até a prova evidente de que não está fazendo nenhum progresso em sua escola, apesar de um esfôrço constante e leal de sua parte.

## II

Eis-me diante do confessionário, começando o *meu* exame de consciência. *Quais os pecados que irei acusar?*

Esta pergunta tem de ser feita, é claro. Pois não poderia pretender acusar-me de tôdas as minhas faltas. "O justo peca sete vêzes por dia", diz a Sagrada Escritura. E eu, que não sou "um justo", quantos pecados não me escaparão por dia, Ser completo, chegar a um total tão exato quanto possível, é um sonho irrealizável — e aliás inútil. É preciso escolher. Que escolheremos ?

Evidentemente, todos os pecados mortais em primeiro lugar. Furtar-se *voluntàriamente* à acusação de um só pecado mortal, mesmo acusando outros de igual gravidade, seria tornar a confissão nula e *sacrílega.* O pecado mortal é um ato pelo qual nos desviamos de Deus, nosso fim último, dando-lhe a entender (e bem conscientemente) que pouco se nos dá desobedecer-lhe em matéria tão grave, uma vez que possamos satisfazer uma ou outra das nossas tendências desordenadas. Como poderíamos, então, entrar de novo em amizade com Deus, sem antes renegar ao ato e confessá-lo? Pois não podemos ao mesmo tempo estar *com* Deus e *contra Deus.*

A dificuldade para muitos é saber quando há pecado mortal. Teòricamente todos sabem: é preciso matéria grave, plena advertência, pleno consentimento. Pràticamente, muitas vêzes nos perguntamos: será grave esta *matéria?* e mais freqüentemente ainda: terei *mesmo* consentido? Quanto à primeira pergunta, é fácil pedir informação ao confessor. Quanto à segunda, uma vez que a formulamos "em consciência", lealmente, e não estamos absolutamente certos se houve, *temos a seguinte regra*: não houve então, pleno consentimento. Quer dizer que não precisarei acusar ésse pecado incerto ou incertamente cometido? Claro que devemos acusá-lo; mas isso não nos impede de comungar, pois podemos apelar *legìtimamente* pela dúvida a fim de nos aproximarmos da Eucaristia. *A rigor* não somos realmente obrigados a acusar o pecado duvidoso; mas estaremos errados, se quisermos progredir na vida espiritual, refugiando-nos atrás dessa *não-obrigação* para conservar uma consciência duvidosa. Pràticamente, a regra é bem simples: não se exige que você declare: eu me acuso de ter cometido um pecado mortal, mas: eu me acuso de ter cometido *tal* pecado, de ter feito *tal* ação. E que acrescente, se fôr o caso, não sei se consenti inteiramente, — e tudo estará em ordem.

Que pensar da fórmula, tão cara a alguns, que a empregam *constantemente,* e quase automàticamente: "Eu me acuso como estou culpado diante de Deus"? Se bem que a

possamos usar quando hesitamos quanto ao grau da nossa culpa, ela parece no entanto demasiado cômoda, e um pouco hipócrita, se podemos saber realmente como as coisas se passaram.

Digamos, por outro lado, para uso de certas pessoas, que é preciso não ver pecado "mortal" por tôda parte... Um pecado que mereça, por si só, a separação de Deus por *tôda* a eternidade e as penas do inferno, isto não se comete sem que se tenha uma consciência clara! Se esta consciência tem necessidade de ser formada, pediremos luz ao confessor, e seguiremos estritamente o que indicar.

Esta formação da consciência deveria ser feita *na infância.* Ficamos estupefatos ao ouvir confissões de crianças, com sua tendência para julgar *mortais* faltas que não passam de pecadilhos... Não haverá nisso (digamos de passagem) uma responsabilidade dos educadores, que não sabem proporcionar suas repreensões ao valor *real* (do ponto de vista *moral*) das faltas infantis? Em todo caso, êsse problema da *formação de consciência da criança* devia ser objeto de um estudo atento e individual da parte dos pais e confessores habituais de criança. É tão perigoso deixar que as crianças julguem *graves* faltas sem grande importância, como deixá-las cometer como indiferentes atos altamente repreensíveis. Uma consciência escrupulosa e angustiada na infância prepara um adulto *fraco,* voltado sôbre si mesmo e sem virilidade, a não ser que o adolescente, o que quase sempre acontece, sacuda *violentamente* o jugo que lhe tornaram insuportável.

Mortais ou não, seria bom nos habituarmos a acusar primeiro, antes de tudo, as faltas que mais nos pesam na consciência, em vez de enfiá-las, como por acaso, numa longa lista de pecados sem importância. Assim ficamos logo livres dessas faltas que, movidos por um mêdo ridículo, talvez acabassemos não dizendo.

Mas é principalmente sôbre o exame e a acusação dos pecados veniais ou leves que quiséramos insistir. Não é nesse ponto que experimentam mais dificuldades aquêles que costumam confessar-se?

Qual a queixa que mais se ouve da bôca daqueles que se confessam freqüentemente? — "A confissão me aborrece, porque eu tenho sempre a *mesma* coisa a dizer..." Ou então, visando agora ao confessor: "Êle não me diz nada..." Entenda-se: algo que saia do comum, que me obrigue a reagir.

Ora, êsses *dois* defeitos que lhe tornam a confissão psicològicamente *insípida,* têm ambos uma só causa: é *que você não sabe se acusar!*

Como se acusa, na realidade, a maioria dos penitentes?

Alguns (em menor número, é verdade) se esquecem que o pecado é *um ato,* não um estado, e apresentam (ou julgam apresentar) a coloração de sua alma, dizendo: "Eu sou mentiroso, sou colérico, sou impaciente, etc." Êsse modo de exprimir-se não é de modo algum o indicado. Você mostraria assim as tendências da sua alma; mas a confissão não é um relatório das nossas *tendências*: é a acusação de atos bem definidos, decorrentes sem dúvida das nossas tendências, mas *tão* diferentes das mesmas como o fruto, da árvore. Pode-se muito bem ter uma tendência à mentira ("ser mentiroso") e não se ter mentido nem uma vez nos quinze dias decorridos após a última confissão. Caso tenhamos mentido, é preciso dizer *"eu menti",* e não "eu sou mentiroso".

Assim diz, aliás, a maioria: "Eu menti, eu faltei à caridade, fui preguiçoso, fui vaidoso, etc." Esta forma já é mais correta; mas a acusação... não chega a ser melhor, isto é, mais proveitosa para a alma, mais capaz de provocar conselhos *úteis* da parte do confessor. Porque? Porque ela é *neutra, incolor.* Ela não exigiu de você *nenhuma* reflexão particular, nenhum esfôrço de julgamento. Ela não traz ao confessor nenhum *sinal característico* que lhe permita ver em que a sua ama difere da que êle teve de julgar e aconselhar antes dela. De dez penitentes que passam pela confissão, nove sem dúvida poderiam apresentar a mesma lista (e, infelizmente, a apresentam mesmo)... Como pretende então, que o seu confessor (a menos que o conheça fora dali) lhe dê *exatamente* o conselho de que você precisa? Seu caso particular não lhe foi revelado em tal acusação: ela não lhe deu nenhum fio, não tem por onde pegá-lo. Era preciso que êle fôsse milagrosamente psicólogo e intuitivo para que pudesse advinhar, ante essa enfiada de pecados "standard", através dessa grade onde não vê sequer o seu rosto, as palavras que deveria dizer para atingí-lo, para incitá-lo ao esfôrço que deveria empreender pessoalmente! Não se pode exigir de todos os confessores que sejam um Cura d'Ars... Normalmente êles pagam *na mesma moeda* que lhes trazem.

Se ainda por cima o penitente se atira, como freqüentemente acontece, numa enumeração que êle pretende exaus-

tiva, se resolve dizer tudo e enfileira quase todos os pecados veniais que é possível cometer (e que sem dúvida êle cometeu realmente), de tal modo que esta enumeração, em ritmo acelerado, dura às vêzes vários minutos, eis o confessor completamente afogado: "Que pode haver de característico nisso tudo?" pergunta em vão. E, não achando nada, contenta-se com uma exortação geral, que pouco aproveita ao penitente. De quem a culpa?

Então, como se acusar?

Frisemos desde logo que o pecado venial é matéria *livre* de confissão. Não somos *obrigados* a acusá-lo. Um ato de contrição bem feito, um ato de amor a Deus, o uso de um sacramental com fé e humildade, bastam, em todo caso, para obter o perdão. Uma confissão que só conste de pecados veniais ou leves não é pois um empreendimento *indispensável à salvação,* mas apenas *um meio* de santificação. É um recurso ao sacramento, isto é, ao sangue purificador de Jesus, pelo qual somos desinfectados e fortificados; é também, secundàriamente, um exercício de humildade, baseado no conhecimento próprio e no reconhecimento daquilo que nos prejudica o progresso espiritual. Temos pois inteira liberdade de escolher, entre os pecados veniais cometidos, aquêles que iremos acusar.

Será então que iremos escolher os mais insignificantes, relegando ao esquecimento aquêles que mais nos incomodam? De modo algum! Faremos exatamente o contrário. Um exame de consciência bem feito tenderá a fazer destacar-se, da multidão de falta *quotidianas,* aquelas que, realmente, por sua malícia ou freqüência, são as mais perigosas para a vitalidade da alma. A fisionomia própria de minha alma pecadora não é igual à de *nenhuma outra* alma, assim como o meu rosto não é igual a nenhum outro. De modo geral, cometemos quase que *os mesmos* pecados, assim como temos todos um nariz, uma bôca e duas orelhas; mas a importância, *para mim,* de tal falta, o lugar que ela ocupa na minha vida espiritual, sua relação com outras faltas da mesma família, — eis o que compõe o meu rosto de pecador. Eis o que um exame de consciência *inteligente* irá certamente revelar. Inútil acumular uma multidão de pecados veniais: bastam cinco ou seis, *bem escolhidos,* para nos vermos e nos mostrarmos tais como somos aos olhos de Deus.

Mas êsses pecados (e esta observação é a mais prática de tôdas), é preciso que os façamos aparecer com aquela

coloração particular que lhe foi dada por nós. — "Eu menti..." isto não significa nada, pois "Omnis homo mendax" (todo homem é mentiroso), diz o salmo. De que *maneira* eu menti? A quem? Em que circunstâncias? Por que? "Eu menti a uma amiga doente, que contava com minha visita, porque me aborrecia ir vê-la": quem não vê que isto constitue uma mentira de qualidade muito especial? "Eu menti numa reunião de sociedade atribuindo-me relações que eu não possuo"; "eu menti aos meus chefes para obter uma licença a que não tinha direito"; "eu enganei um cliente quanto à qualidade do meu trabalho a fim de poder cobrar mais caro": quantas mentiras *diferentes* de que a acusação "eu menti" jamais daria uma idéia! — "Faltar à caridade", o pecado mais corrente... Para que empregar esta expressão que não tem *côr alguma?* Diga antes: "Eu disse uma palavra ferina a uma pessoa de quem não gosto, com intenção de fazê-la sofrer"; ou "eu manifestei desprêzo por um colega pouco inteligente"; ou "eu recusei um auxílio que poderia ter dado a um amigo que passava necessidade"; ou "eu caçoei de um doente".

Há *mil* modos de ser *vaidoso.* Qual é o seu? É gastar tempo demais com a toilette? É olhar-se no espelho o dia todo? É andar numa roda viva no meio em que se encontra, procurando chamar a atenção de todos sôbre a sua brilhante pessoa?

E sua preguiça? Como se manifesta? Pela obstinação em ficar na cama quando chega a hora de levantar? Por sua negligência em relação aos deveres de estado, apressados e mal acabados? Por seu porte descuidado, um amor excessivo pelas poltronas?...

Compreende-se, por êsses exemplos (que seria facílimo multiplicar), o que queremos dizer quando declaramos: acuse atos precisos, determine as circunstâncias em que os praticou, procure palavras capazes de exprimir o seu pecado tal como realmente foi, como seu pecado, e não como de qualquer pessoa. E todo proveito será seu. Primeiro, porque isso fará com que você se veja tal como é; em seguida porque isso será para você uma salutar humilhação (é mais humilhante dizer: "Passei uma hora pintando-me" do que simplesmente: "Fui vaidosa"); enfim porque, segundo êsses dados precisos, seu confessor poderá avaliar o estado da sua alma e tirar daí os conselhos adequados.

Isto não quer dizer que você seja convidado à tagarelice. Acusar-se com exatidão não é "contar uma história". A confissão não deve estar *afogada* numa torrente de casos, explicações, digressões, onde o penitente perde de vista o que êle próprio acusa, e onde o confessor não sabe mais o que foi que se acusou como pecado. Às vêzes essa pretensa confissão transforma-se em apologia, ou pelo menos, em defesa; por vêzes, em apreciações a respeito do próximo; outras, em lamentações sôbre os tempos de hoje, etc. Que você tenha necessidade de descarregar um coração demasiado pesado e receber algum consôlo, ou que deseje alguns esclarecimentos sôbre a conduta a seguir, nada de mais legítimo. Mas separe nìtidamente as duas espécies de assunto: faça primeiro a sua confissão pròpriamente dita, cingindo-se estritamente aos pecados; depois, e só depois, avise o confessor que tem alguma coisa mais a dizer.

## III

Assim não correremos o risco de esquecer, — como já notamos várias vêzes — que, no sacramento da penitência, cabe a primazia de valor à purificação pelo sangue de Cristo, e não à exortação do confessor. E que esta purificação é obtida pelo *arrependimento*. Desta verdade decorre uma conseqüência quanto *ao modo* por que devemos levar nossos pecados ao tribunal da penitência. A saber: não se trata de *enumerar* os pecados, mas de *confessar* os pecados.

No entanto, todo padre que ouve confissões surpreende-se constantemente com a espécie de indiferença, pelo menos aparente, com que a maioria de penitentes enuncia as suas faltas. Êles fazem uma *enumeração,* organizam *uma lista*: se esta fôr bem exata, êles acham que cumpriram tudo o que a Igreja exige. Só resta receber a absolvição e ir embora, inteiramente livres. Cumpriu-se a formalidade...

Ora, isso é falso. Nada é "formalidade" no campo dos atos religiosos. Nem a missa, da qual não se trata de nos desembaraçarmos de qualquer modo, mas de que é preciso participar; nem a confissão, que é essencialmente retratação, renegação do mal cometido, a fim de obtermos o perdão. É uma questão *de amor,* de coração (isto é, de vontade). Viemos para *reconhecer* que fizemos mal; que faltamos ao amor que devíamos a Deus, recusando cumprir uma ou outra de suas vontades (vontade de que sejamos leais ou justos, ou puros, etc.). Isto deve transparecer na

maneira pela qual dizemos os nossos pecados. "Confiteor", diz a fórmula que se recomenda recitar antes da acusação: "Eu confesso", eu reconheço: a culpa é minha, eu sou culpado, eu bato no peito. É preciso que a sua acusação esteja na linha desta fórmula. Não se trata de "constatar" que você pecou, mas de levar esta constatação ao conhecimento do padre; trata-se de exprimir o pezar, o arrependimento de ter sido máu.

Será portanto bom (e será fácil, se só acusarmos um número restrito de pecados veniais) repetir a propósito de *cada* falta: "Eu me acuso de..." Isto nos impedirá, se o fisermos de coração, de cair na fria indiferença de quem se contenta em *narrar* suas faltas em lugar de acusar-se.

Será conveniente acusar *pecados da vida passada já perdoados* em confissões anteriores?

Como exercício de humildade, reconhecer-se culpado de uma falta já absolvida, será talvez bom, se isso não trouxer nenhuma perturbação à consciência. E não será apenas um exercício de humildade, porque o sacramento (não esqueçamos nunca que a Penitência é um sacramento), aplicará sua graça saneadora de um modo especial no foco de infecção de onde saiu outrora êsse pecado, foco que talvez não esteja ainda inteiramente limpo.

Pelas mesmas razões, pode ser conveniente, em certos momentos da vida (antes do casamento, do ingresso em convento, durante um retiro, etc.), fazer o que se chama uma "confissão geral", seja abrangendo o período de um ano, seja período mais longo. Mas isso com uma condição: que não o façamos por causa de um costume ou convenção, mas de uma necessidade que sintamos; que sejamos levados a isso por uma convicção interior e não pelo argumento: "É costume". (E esta observação vale sobretudo para as confissões de retiro.)

No entanto, há pessoas que se deverão abster rigorosamente de tôda volta à vida passada: as pessoas *escrupulosas*. Os escrupulosos são de certo modo doentes, e sua doença consiste justamente numa inquietação que os torna incapazes de julgar se fizeram ou não tal ação, se a fizeram ou fizeram mal. Êles queriam "estar certos", e quanto mais buscam a certeza, mais a certeza lhes foge. No confessionário êles querem a certeza de ter dito tudo ou de ter realmente uma verdadeira contrição: e, não se sentindo nunca tran-

qüilos, repetem tudo de novo. Só lhes resta um meio de curar-se: obedecer cegamente ao confessor, que lhes mandará fechar inteiramente os olhos sôbre todo o passado, próximo ou distante.

## IV

Há uma forma de inquietação, porém, que não é apenas os escrupulosos que experimentam, mas também aquêles que desejam ser sinceros. Esta inquietação se refere à qualidade da contrição, e em geral é formulada assim: "Que adianta confessar êste pecado? É claro que eu não estou arrependido, pois sei que vou cair de novo".

Trata-se do que se chama, *firme propósito.*

Distingamos cuidadosamente: "*prever* que se vai cair" e "*querer* cair".

Está fora de dúvida que o penitente que quer recair, que está decidido a repetir o pecado na primeira oportunidade, nem se pode chamar "penitente". Pois não tem arrependimento algum. Abusa do sacramento e se ilude quanto à eficácia da absolvição, que não pode apagar um pecado que não é desaprovado por aquêle que o cometeu. Mas não é êsse, graças a Deus, o caso mais freqüente. A maioria experimenta simplesmente um sentimento agudo de sua fraqueza, sentimento justificado pela dolorosa experiência das recaídas. Êles julgam saber que sua boa intenção, mais uma vez posta à prova, não será mais bem sucedida no futuro do que foi no passado. E concluem: eu não tenho arrependimento... É um êrro. No fundo, êles consideram "mal" o mal que fizeram; preferiam não o ter feito e ser capazes de nunca mais recair. Mas é isto a contrição! Deus não exige, para perdoar-nos, que estejamos certos de nunca mais recair. (Esta certeza estaria muito perto da presunção.) Êle nos pede termos a intenção de fazer o que pudermos, com o prometido apôio da sua graça, para evitar de novo o pecado. Existe em nós essa intenção? Então não há motivo para temermos a hipocrisia ou a insinceridade. Nossos sombrios prognósticos não modificam aquela intenção. Tanto mais que êles se baseiam numa desconfiança profundamente censurável em relação à graça do sacramento. Se o sacramento da penitência é um meio de progresso, não é tanto pelo esfôrço psicológico que exige de nós: é porque aplica à alma doente o sangue redentor e meritório do Cristo, que constitui o seu remédio. E não

sòmente Nosso Senhor nos concede o perdão que nos obteve pela sua Paixão, mas nos confere graças saneadoras e fôrças para as lutas que deveremos sustentar; e isso, sobretudo no campo dos pecados que submetemos à absolvição. É nessas graças que devemos confiar, e não na problemática capacidade de resistência de nossa boa vontade.

Não se inquiete, pois, com o "amanhã". A graça de amanhã virá amanhã, se você permanecer confiante e firme na oração. Hoje, você tem a graça de hoje, uma graça de contrição. Querer suportar em imaginação a tentação de amanhã, é querer carregar um fardo para o qual não tem ainda auxílio. Nada mais natural que êle lhe pareça excessivo, e antecipadamente esmagador.

Isto não é, porém, um convite à inércia. A acusação deve ser seguida e completada por uma resolução. Uma resolução de que confiaremos a execução ao socorro divino, mas que nossa vontade se esforçará por manter. Para ser efciaz, é preciso que tal resolução seja *precisa,* referente a tal pecado que se pretende evitar, e não ao conjunto das faltas acusadas, ou a muitas ao mesmo tempo.

A resolução de que falamos deve ir mais longe: esforçar-nos-emos por prever, de acôrdo com a experiência do passado, as circunstâncias que nos poderiam levar à queda, as "ocasiões" em meio das quais correríamos o risco de nos sentirmos arrastados. E voltaremos nossa resolução na direção dessas ocasiões que é preciso evitar. Sabemos que tal companhia nos arrasta à maledicência, que tais leituras nos encaminham à impureza, que o abrir de tal gaveta reacende em nós rancores adormecidos, que tal gênero de conversa excita-nos a bile? A resolução será fugir dessa companhia, afastar aquela leitura, deixar fechada a gaveta, evitar tal tipo de conversa. Agir assim é nos tomarmos tais como somos, capazes de sucumbir onde um outro não cairia; e não "tentar a Deus", expondo-nos presunçosamente; é, portanto, ser lógico com o próprio arrependimento.

E por que, de vez em quando, não garantir nossa resolução, submetendo-a ao confessor no fim da acusação? Isto nos ajudaria certamente a mantê-la melhor.

Assim praticada, a confissão não será mais essa *repetição enfadonha* de pecados "standards" que muitas vêzes se torna, e que é sempre uma tarefa desagradável. Ela to-

mará lugar entre os meios de santificação, e dos mais poderosos, que a Igreja do Cristo coloca ao nosso alcance. Indo ao tribunal da penitência, teremos a consciência de ir ao Cristo na cruz, que tem em suas mãos crucificadas o perdão que obteve para nós e o sangue com que deseja lavar-nos. Conscientes da nossa miséria (e tanto mais quanto mais lúcidos formos no olhar lançado sôbre nossas fraquezas quotidianas), confiantes na misericórdia divina (e tanto mais quanto lhe tivermos pedido que nos ajude a detestar o pecado), aproximar-nos-emos do confessionário na humilde disposição do filho pródigo: "Pai, eu pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho!"

E é por isso que nos poderemos retirar com nova fôrça, baseada na libertadora garantia: "Vai em paz, meu filho, tua fé te salvou".

Tradução de D. Marcos Barbosa, o.s.b.

# LIVROS INDISPENSÁVEIS À GRANDE SEMANA

## A SEMANA SANTA

latim — português

Edição com canto gregoriano pelos Beneditinos de Solesmes, em tradução portuguêsa pelos Beneditinos do Rio de Janeiro.

Impresso por Desclée (Bélgica), contendo o texto da Liturgia em latim-português e tôdas as rubricas da Semana Santa, desde o Domingo de Ramos até o Domingo da Páscoa inclusive.

Contém ainda a Missa e o Ofício do dia da Páscoa.

Cr$ 550,00
(com desconto para quantidade)

## LITURGIA DA SEMANA SANTA

Todo o texto da liturgia da Grande Semana em latim-português, sem música.

Cr$ 60,00

**Pedidos às:**

**EDIÇÕES "LUMEN CHRISTI"**
**Mosteiro de São Bento**
**Caixa postal 2.666**
**Rio de Janeiro**

## Só Climax facilita o seu confôrto!

# CLIMAX
## VITORIA - 9,5 pés
*Super Luxo*

**Cr$ 56.990,**
(PÔSTO S. PAULO)

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País.
- O maior congelador existente, onde cabe um leitão ou um peru, inteiros (32.200 cm³)!
- Ampla gaveta plástica ("Quick Freezer") para o rápido congelamento de carnes e peixes.
- Possante e silenciosa compressor P-91, econômico e de alta rendimento, fabricado sob licença de Tecumseh Products Co. (U.S.A.).

**ISNARD & CIA. S.A. — Com. e Ind.**
**Av. São João, 1.400 - São Paulo**

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9197

FOR LIBRARY USE ONLY